



Faculdade de Ciências da Educação e da Saúde – FACES

Curso de Psicologia

A CONSTRUÇÃO DO CORPO-VITRINE NA PÓS-
MODERNIDADE: REFLEXO DE UMA SOCIEDADE PERVERSA?

ADRIANA HENNING PARANAGUÁ

BRASÍLIA

DEZEMBRO DE 2010

ADRIANA HENNING PARANAGUÁ

A CONSTRUÇÃO DO CORPO-VITRINE NA PÓS-
MODERNIDADE: REFLEXO DE UMA SOCIEDADE
PERVERSA?

Monografia apresentada como requisito
para conclusão do curso de Psicologia
do UniCEUB – Centro Universitário de
Brasília, elaborada sob a orientação da
Professora Dr.^a Marcella Laureano.

Brasília, dezembro de 2010



Faculdade de Ciências da Educação e da Saúde – FACES

Curso de Psicologia

Esta monografia foi aprovada pela Comissão Examinadora composta por:

Prof.^a Dr.^a Marcella Laureano

Prof.^a Dr.^a. Tatiana Lionço

Prof.^a Mestre Tania Inessa

A Menção Final obtida foi:

Brasília, dezembro de 2010.

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo apoio inestimável.

À orientadora Prof^a Dr.^a Marcella Laureano, pela leveza dos encontros, pelo acompanhamento constante e observações fundamentais para a elaboração desta monografia.

Aos colegas de curso, pela alegria do encontro.

Às amigas Cláudia e Helena, pela força.

Aos professores que despertaram em mim uma vontade enorme de continuar a buscar o saber.

Aos membros da banca examinadora, pela contribuição para o aprimoramento desta pesquisa.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTO	iii
SUMÁRIO	iv
RESUMO	v
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – O SIGNIFICADO INCONSCIENTE DO CORPO	
1.1 A diferenciação entre corpo e organismo	7
1.2 A pulsão escópica e o olhar	12
1.3 As imagens do corpo	20
1.4 O olhar do Outro na construção da imagem de si	24
1.5 O Estádio do Espelho e o Registro Imaginário segundo Lacan	30
CAPÍTULO 2 – O CORPO FETICHIZADO E NOVAS FORMAS DE PRAZER	
2.1 Narcisismo e culto exacerbado de si	36
2.2 A primazia do gozo auto-erótico no corpo autoplástico	41
2.3 Perversão e Fetichismo, a recusa da castração e do tempo	50
CONCLUSÃO	60
REFERÊNCIAS	69

RESUMO

Este trabalho, sobre as relações entre a corporalidade e o psiquismo, objetivou propor um diálogo entre a psicanálise, a partir das teorizações de Freud, Lacan e outros autores pós-freudianos com estudiosos da pós-modernidade tais como Debord, Bauman e Giddens. Sob o enfoque psicanalítico, pretendeu-se abordar o fenômeno da construção do corpo-vitrine a partir de uma dimensão sociocultural em que o corpo torna-se capital de investimento não apenas sob o ponto de vista material mas sobretudo sob o aspecto libidinal. Trata-se da emergência de um corpo fetichizado e reificado que, submetido a intervenções de ordem estética e mediado pelo modo de produção capitalista, é visto como mercadoria. Especial ênfase foi concedida à análise da pulsão escópica, construto que concebe o olho enquanto fonte de libido e reconhece o olhar como seu objeto. A importância do olhar do Outro para a construção da imagem de si foi ilustrada pelo Estádio do Espelho, quando se ressaltou o aspecto falacioso da imagem bem como a relevância materna para a constituição subjetiva do indivíduo. A imagem inconsciente de si constitui-se em suporte imaginário para a busca incansável de um ideal corporal inatingível. A construção do corpo autoplástico remete a um gozo auto-erótico que sinaliza para a onipotência do sujeito pós-moderno que, ao centrar-se libidinalmente em si, desconsidera o Outro e pouco se predispõe ao estabelecimento de laços intersubjetivos. A recusa à transitoriedade da beleza e à passagem do tempo parecem relacionar-se à recusa da castração e sugerem um gozo sem borda, sem limites, sem Lei. O estudo apontou para o surgimento de uma nova dinâmica psíquica influenciada por uma cultura somática e narcísica que deixa de se fundar no recalque dos desejos, típica da modernidade, e promove a perversão enquanto modo de organização subjetiva do laço social. O imperativo do gozo aponta para a prevalência de um hedonismo coletivo sobre o sintoma. Evocou-se a hipótese de que a busca incessante pelo desejo, pelo reconhecimento e, sobretudo, pelo olhar do Outro possa consistir na volátil tentativa de se preencher um vazio psíquico e de camuflar o inexorável desamparo originário do sujeito.

Palavras-chave

Corpo, perversão, pós-modernidade

A tentativa de compreensão das relações entre a mente e o corpo sempre permeou as discussões filosóficas, científicas e teológicas ao longo dos séculos. Trata-se de uma questão que traz em seu cerne a reflexão sobre o monismo e o dualismo e aos eventos internos e externos como elementos influenciadores da personalidade e das ações humanas.

A transição da Idade Média (séc. V-XV) para a Idade Moderna (séc. XV-XVIII) foi marcada pelo crescente interesse nos estudos sobre o homem. O movimento Renascentista, calcado em bases humanistas, adotava conceitos e valores como o antropocentrismo, o individualismo e defendia a supremacia da razão contrapondo-a à visão teocêntrica medieval, impregnada pela fé. O comportamento, sobretudo durante o Iluminismo (séc. XVII-XVIII), foi objeto de investigação por parte daqueles que buscavam racionalizar as condutas e atitudes humanas, apoiando-se na consciência como instância reguladora da realidade.

Na passagem do século XIX para o século XX, Freud (1856-1939) propõe, por meio da psicanálise, uma Teoria da Subjetividade que trata da constituição do sujeito, ou seja, da estruturação do eu, em nível psíquico. Essa teoria nos permite buscar no inconsciente determinações dos atos e motivações do homem, fato que restringe a razão e estabelece a limitação do consciente no controle e domínio da realidade.

Freud (1856-1939) propôs a ruptura com a visão do determinismo biológico substituindo-o pelo determinismo psíquico no qual a sexualidade derivaria da história individual do sujeito, porém sem deixar de vincular-se às condições culturais onde se desenvolvessem. Sua obra impactou profundamente a sociedade vitoriana ao modificar a forma como o homem pensava sobre si próprio, sobretudo, ao desafiar a comunidade científica com o seu ineditismo teórico.

A despeito do surgimento de teorias inovadoras que conduziram o homem a novas formas de pensar a sexualidade bem como a relação entre soma e psique, conforme enfatiza Birman (2005), não raro o corpo é definido em oposição ao psiquismo e reduzido aos

registros somático, anatômico e biológico. Este posicionamento reflete a dicotomia entre organismo e psiquismo e enfatiza a idéia de dualismo que vai de encontro à concepção monista de corpo-sujeito, defendida pela psicanálise, na qual ambas instâncias interagem em complementaridade.

Na atualidade, constata-se uma reconfiguração das condutas humanas na qual o corpo assume lugar privilegiado. O cuidado de si, antes voltado para o desenvolvimento da alma, dos sentimentos ou das qualidades morais, dirige-se agora para a longevidade, a saúde, a beleza e a boa forma. Segundo Costa (2005), o interesse pelo corpo exacerbou a atenção dos indivíduos para com a sensorialidade, e a superexploração dessa faceta da experiência corporal vem sendo acompanhada de efeitos físicos, mentais e socioculturais inusitados.

A matriz corpo-mente tem sido objeto de estudo de inúmeros analistas pós-freudianos tais como Lacan, Aulagnier, Dolto, McDougall que, por meio de seus trabalhos, prestaram significativa contribuição para a compreensão das relações entre soma e psique na constituição da experiência subjetiva do indivíduo. Sob esse enfoque, o corpo humano, além de sua inegável materialidade somática passa a ser considerado sob o aspecto da erogeneidade, da pulsionalidade.

Assim, se de um lado existe um corpo físico, visível, concreto, manifesto, há por outro lado o seu duplo psíquico, um corpo latente, lócus de motivações inconscientes. Aulagnier (2002, p. 115) menciona que os discursos sobre o corpo singular dão à palavra as únicas inscrições e modificações que o sujeito poderá ler e decodificar, como “as marcas visíveis de uma história libidinal que se inscreve e continua a gravitar sobre essa face invisível que é a psique: história libidinal mas igualmente história identificatória.”

Este trabalho sobre as relações entre a corporalidade e o psiquismo propõe um diálogo da psicanálise, a partir de pressupostos teóricos defendidos por Sigmund Freud e Jacques Lacan, entre outros analistas, com autores de outras áreas de saber tais como o filósofo Guy

Debord e os sociólogos Zigmunt Bauman e Anthony Giddens, estudiosos da pós-modernidade.

Pretende-se ainda abordar tal temática levando-se em conta a noção de desnaturalização do corpo, ou seja, este passa a ser visto como produto de construção cultural, inserido em um contexto histórico e, portanto, sujeito a influências sociais e ideológicas. O corpo revela a inscrição de uma experiência social e atua tanto como elemento mediador do sujeito com o mundo como também explicita o consumo como mediador de uma identidade cultural.

Vale lembrar, no entanto, que as transformações ocorridas ao longo dos séculos XX/XXI não se restringem à ordem político-econômica, exercendo forte influência sobre a rede relações sociais bem como sobre os vínculos entre as pessoas. Bauman (2004) faz referência à fragilidade e fluidez dos laços pessoais na modernidade contemporânea, à qual atribui o adjetivo “leve”, “líquida” em oposição à solidez da modernidade clássica.

Valores tradicionais passam a ser reformulados alterando não só as práticas cotidianas mas também as mentalidades. A sociedade de consumo, as tecnologias de informática, a influência da mídia e a globalização transformam a cultura pós-moderna produzindo complexidade, pluralidade, incertezas, sensação de fragmentação e de vazio.

A esse respeito, Giddens (1991) afirma que vivemos uma época marcada pela desorientação, pela sensação de que perdemos o controle e de que não somos mais capazes de compreender os acontecimentos sociais. Protagonista de uma era marcada pela tentativa de abolição de fronteiras, pela superficialidade, efemeridade e insegurança o homem pós-moderno se vê perdido diante da velocidade das mudanças, fato que o deixa confuso em face das inúmeras bifurcações que lhe são apresentadas ao longo de seu percurso.

Reverso da repressão característica da época vitoriana, os tempos pós-modernos são marcados pelo imperativo do gozo a qualquer preço. Em relação aos papéis de gênero

observa-se menor rigidez e territórios cada vez mais permeáveis. Assim, quanto à sexualidade, os prazeres são plurais, mutáveis, intercambiáveis e, portanto, de diversas ordens. Nesse contexto, o corpo é tratado como objeto, em sintonia com o que Giddens (1992) define como sexualidade plástica, isto é, liberada de sua ligação intrínseca com a reprodução.

Entretanto, conforme defende Sennet (2003), a civilização ocidental não tem respeitado a integridade e a dignidade dos corpos humanos bem como a sua diversidade tem sido menosprezada. A ditadura da beleza oprime e destrói a auto-estima dos indivíduos trazendo-lhes graves danos não apenas físicos mas sobretudo sofrimento psíquico. Vivemos em uma sociedade escópica¹ e a ideologia vigente na pós-modernidade privilegia a ética do enaltecimento do corpo.

A construção do corpo-vitrine insere-se em uma dimensão cultural, na qual o corpo torna-se capital social de investimento não apenas do ponto de vista material mas converte-se sobretudo em alvo de uma dinâmica libidinal. Daí a razão pela qual tal fenômeno carece de investigação a partir de sua estreita vinculação ao psiquismo. Afinal, a sedução, a conquista, a tentativa de fazer-se bonita(o) aos olhos do Outro e de tornar-se o objeto de desejo desse Outro remetem a aspectos particulares da constituição da subjetividade de inúmeros indivíduos pós-modernos.

A esse respeito, dois enfoques diferenciados podem ser concedidos a esse fenômeno: o primeiro, defendido pela orientanda em monografia anterior intitulada *A Histeria na Contemporaneidade: a loucura da estética*², diz respeito a uma defesa narcísica às imposições sociais, fato que suscita uma cisão entre corpo e mente, criando um fosso entre o que é interno e o que é externo; o segundo, objeto de análise desse estudo, nos traz a concepção defendida por Debord (2006, p. 14) de uma Sociedade do Espetáculo, que não se

¹ A sociedade escópica sustenta-se principalmente no ver e ser visto, fato que abala o sujeito submetido à presença de um olho observador. Assim, para existir é preciso ser visto pelo Outro. (Quinet, 2002, p. 280)

² Monografia de Especialização em Teoria Psicanalítica intitulada *Histeria na contemporaneidade: a loucura da estética*. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. UniCeub. (Paranaguá, 2007)

refere apenas a um conjunto de imagens, mas sobretudo a uma relação entre as pessoas, mediada por imagens nas quais os atores precisam aparecer para ser. Nesta cultura das aparências e da visibilidade, impregnada por práticas exibicionistas e performáticas, pouco espaço resta para a reflexão sobre si bem como para o estabelecimento de laços intersubjetivos.

À luz da teoria psicanalítica, pretende-se analisar o fenômeno de construção do corpo-vitrine por indivíduos ávidos pelo reconhecimento do desejo do Outro. Trata-se da emergência de um modelo de corpo fetichizado e reificado que, mediado pelo modo de produção capitalista, é visto como mercadoria. Para tal, deve ser investido em sua capacidade produtiva, em sua saúde, em sua beleza, para que tenha sempre a condição de ser desejado e consumido ainda que haja comprometimento na troca de experiências bem como substancial empobrecimento subjetivo do indivíduo.

Objetiva-se investigar se tal dinâmica psíquica relaciona-se à perversão sem contudo correlacionar essa estrutura à concepção moralista e pejorativa de degeneração, de anormalidade social e de exclusão, típica da visão nosográfica psiquiátrica da transição dos séculos XIX/XX. Ao contrário, almeja-se estudar a perversão enquanto modo de funcionamento subjetivo organizador do laço social e, por isso, intrinsecamente relacionado a práticas legitimadas por uma sociedade da qual incontestavelmente o sujeito faz parte.

Tal hipótese apóia-se nas idéias defendidas por Melman (2008, p. 15), que se refere ao surgimento de uma nova economia psíquica na qual “passamos de uma cultura fundada no recalque dos desejos e, portanto, cultura da neurose, a uma outra que recomenda a livre expressão e promove a perversão”. Para o autor o “mais de gozar” socializado assinala o triunfo de um hedonismo coletivo sobre o sintoma.

O Capítulo 1 traz uma retrospectiva teórica sobre os principais conceitos de Freud, acrescido da visão de autores pós-freudianos, sobretudo Lacan. São analisados aspectos

relativos ao significado inconsciente do corpo a partir da diferenciação entre corpo e organismo, da relação entre a pulsão escópica e o olhar com especial ênfase à importância do olhar do Outro na construção da imagem de si. A teoria lacaniana sobre o Estádio do Espelho bem como sobre o Registro Imaginário comparecem como elementos elucidativos para a compreensão do processo de constituição psíquica do ser humano. São ainda abordados mecanismos formadores da identidade e da subjetividade a partir do espelhamento mãe/filho(a).

No Capítulo 2 explora-se a temática da Perversão e do Fetichismo concedendo-se especial ênfase ao mecanismo de recusa da castração e, por contigüidade, à recusa na passagem do tempo que tão bem caracteriza a sociedade pós-moderna na qual o envelhecimento, inexorável, é visto como uma falha que necessita ser apagada. A centralidade conferida ao corpo na transição do século XX para o XXI, primado do culto exacerbado de si, é analisada a partir do conceito de narcisismo e correlacionada à primazia do gozo auto-erótico. Tenciona-se levantar a hipótese de que as intervenções corporais que resultam na construção do corpo-vitrine, autoplástico por excelência, possam ser o reflexo de uma dor psíquica inconsciente, esculpida na carne, diante da impossibilidade da fala. Por fim, objetiva-se articular os conceitos psicanalíticos trabalhados, em particular, a noção de desamparo, com um modo de funcionamento psíquico que prima pela expulsão do afeto, pela anulação do Outro e culmina na abolição do sujeito. A Sociedade do Espetáculo - que enaltece a falácia da imagem que ilude no intuito de mascarar a falta - produz novos sintomas e diferenciadas formas de sofrimento psíquico. Tal problemática abre campo investigativo sobretudo em relação à “clínica do vazio”³ e consiste em enorme desafio para a psicanálise no sentido de compreender novas formas de subjetivação na pós-modernidade.

³ Relaciona-se ao desamparo e à incapacidade de o sujeito sentir as coisas e as pessoas. (Lazzarini e Viana,2010).

CAPÍTULO 1 - O SIGNIFICADO INCONSCIENTE DO CORPO

1.1 Diferenciação entre corpo e organismo

A civilização moderna, influenciada pelo positivismo e pelo racionalismo científico, desvinculou a fisiologia da subjetividade. O pensamento cartesiano excluiu o corpo de sua dimensão simbólica e, principalmente, de sua dimensão real de gozo. Ao limitar o corpo ao viés biológico, abandonou-se a perspectiva de considerá-lo como corpo marcado pelo desejo inconsciente, pela sexualidade e perpassado pela linguagem.

Conforme defende Pollo (2004), quando os teóricos científicistas do século XIX desmembraram o binômio mente-corpo, condenaram o corpo do sujeito da modernidade ao exílio. A ciência adotou um discurso de exclusão de qualquer aspecto não passível de mensuração e se fazia necessário que os fenômenos relativos ao corpo fossem medidos, testados, comprovados, generalizados para que pudessem ser representados.

A partir da segunda metade do século XIX, as perturbações nervosas das histéricas desafiavam a medicina uma vez que seus corpos recusavam-se a ser meramente fisiológicos. Tais mulheres eram vítimas de cegueira, de conversões sem que qualquer alteração biológica pudesse ser detectada. A ambiguidade ver/não ver era sugestiva de uma cegueira histórica. Conforme descreve Assoun (1999, p. 24), as histéricas não enxergavam porque eram cegas em consequência da dissociação entre processos inconscientes e o processo consciente no ato de ver.

A psicanálise, por meio do conceito de pulsão, buscou entrelaçar soma e psique de forma a evitar o dualismo mente/corpo, concepção que se tornou referência fundamental para o desenvolvimento das teorias psicossomáticas modernas.

Freud (1906/1996) lançou luz sobre a relação entre as dimensões psíquica e somática

ao se interessar pelo estudo da histeria. Por meio da clínica, pode perceber que as manifestações dessa doença não correspondiam a uma anatomia orgânica mas sim imaginária, produto de sofrimento psíquico.

Birman (2005) destaca que Freud defendia que a psicanálise não poderia excluir uma referência biológica, dimensão presente em textos tais como *As Pulsões e seus Destinos* (1915a) no qual afirma que a pulsão sexual tem uma fonte somática representada no psiquismo por um afeto. A palavra organismo é também encontrada em outras obras freudianas tais como em *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895), em *Além do Princípio do Prazer* (1920), e em *o Ego e o Id* (1923). Porém, a concepção de corpo que Freud se vale para alicerçar sua obra diz respeito a um corpo libidinal que seria concomitantemente representado e imaginado. (Birman, 2005, p.59-60).

O organismo, enquanto corpo biológico, consiste em um todo em funcionamento e obedece às leis da anatomia, já o corpo pulsional segue as leis do desejo inconsciente de conformidade com a história do sujeito. Dessa forma, a psicanálise transcende a lógica anatômica para alcançar a lógica da representação

Freud subverte o pensamento cartesiano ao apontar para um corpo/sintoma portador de um saber inconsciente que é vivenciado enquanto verdade por meio da fala do sujeito. Os estudos do autor permitiram descobrir o psiquismo atuando no corpo e no comportamento como descarga energética de emoções e desejos não expressos de insatisfação. A histeria revelava, portanto, o discurso do inconsciente.

A esse respeito, convém mencionar que o desejo é questão central na psicanálise porém nada tem a ver com a concepção biológica de necessidade. Assim como o desejo, a necessidade também relaciona-se a uma tensão interna que impele o organismo em certa direção. Entretanto, conforme descreve Garcia-Roza (2005, p. 144), a diferença é que na necessidade tal tensão é da ordem física, biológica, e encontra satisfação por meio de uma

ação, visando a um objeto específico, responsável pela redução dessa tensão. Já o desejo não implica uma relação com um objeto real, mas com um fantasma.

Logo, a necessidade implica uma satisfação mas o desejo jamais é satisfeito, pode realizar-se em objetos, mas não se satisfaz com eles. O mesmo autor menciona que “o desejo implica um desvio ou uma perversão da ordem natural, o que torna impossível sua compreensão a partir de uma redução à ordem biológica”. (idem)

Para a psicanálise o objeto do desejo é uma falta e não algo que propiciará a satisfação. De acordo com Garcia-Roza (2005, p. 144), ele é marcado por uma perversidade essencial que consiste no gozo do desejo enquanto desejo. A estrutura do desejo diz respeito a essa inacessibilidade do objeto que é exatamente o que o torna indestrutível. O desejo caracteriza-se pela presença de uma ausência razão pela qual apesar de ele se realizar nos objetos, estes sinalizam sempre uma falta.

Garcia-Roza (2005) nos lembra que Freud fornece o modelo de constituição do desejo a partir de uma experiência de satisfação. A mãe que oferece o seio ao bebê que chora de fome é capaz de, concomitantemente, atender a necessidade biológica de sua criança e também gerar um impulso psíquico que o permite vivenciar uma experiência de satisfação. Tal vivência imprime uma marca indelével no psiquismo do sujeito.

Então, o desejo caracteriza-se pelo impulso de reproduzir, por meio da alucinação, uma satisfação primeva, o retorno a um objeto perdido cuja presença é marcada pela falta. O desejo é a nostalgia do objeto perdido. (Garcia-Roza, 2005 p. 145)

O objeto do desejo é da ordem simbólica não figurando, portanto, como algo concreto que é oferecido ao sujeito. Assim, conforme relata Garcia-Roza:

(...) o desejo desliza por contigüidade [metonímico para Lacan⁴]

⁴ No Seminário V, *As Formações do Inconsciente*, Lacan (1957-1958/1999) afirma que “não há objeto senão metonímico, o objeto do desejo sendo o objeto do desejo do Outro e o desejo sendo sempre desejo de outra coisa, mais precisamente, daquilo que faltava ao objeto perdido primordialmente, na medida em que Freud não-lo mostra como estando sempre por ser reencontrado”.

numa série interminável na qual cada objeto funciona como significante para um significado que, ao ser atingido, transforma-se em novo significante e assim sucessivamente, numa procura infinita porque o objeto último a ser encontrado é um objeto perdido para sempre. Toda satisfação obtida coloca imediatamente uma insatisfação que mantém o deslizamento constante do desejo nessa rede sem fim de significantes. (Garcia-Roza, 2005 p. 145).

Vimos que a experiência do contato materno com o(a) filho(a) transcende os cuidados com o corpo físico do bebê ao proporcionar uma vivência de prazer que atua em nível pulsional. Ao fazê-lo, a mãe investe libidinalmente no corpo erógeno dessa criança, experiência que ficará registrada no psiquismo desse indivíduo.

Deste modo, conforme afirma Goldfarb (1998), para a medicina, o corpo é físico, orgânico porém, para a psicanálise ele é da ordem sexual ou da ordem pulsional. A esse respeito convém mencionar as diferenças existentes entre o corpo natural e o corpo erógeno. O primeiro articula-se com o mundo, independe da linguagem e constitui-se em objeto de estudo da Biologia ao tempo em que o último submete-se, é regido e ordenado pela linguagem. Inclui ainda a representação corporal e as pulsões em estado bruto.

Soler (1989, p. 3-4) enfatiza que o corpo é simbólico, imaginário e real. Ao ser afetado por sintomas e sonhos demarca uma dimensão diferenciada em relação à ilusão de um corpo biológico, compacto. O corpo do ser falante é também imaginário uma vez que “para fazer um corpo, é preciso um organismo mais uma imagem”.

Por outro lado, o corpo também é permeado pelo simbólico. A linguagem habita o corpo e torna possível ao sujeito apoderar-se dele. Por fim, o corpo em sua dimensão real, conforme dispõe Nasio (1993, p. 37), é sinônimo de gozo, “pura energia psíquica, da qual o

corpo orgânico seria apenas a caixa de ressonância”. Trata-se do gozo da pulsão, que é *fora do corpo* porque o objeto que o condensa encontra-se fora dele: no objeto *mais-de-gozar*, pequeno *a*⁵.

Em relação à tematização do corpo, Lacan (1956-1957/1995) destaca um aspecto fundamental que diz respeito à relação do sujeito com o objeto de sua satisfação. Definido necessariamente como inexistente, pode no entanto ser localizado na troca de olhares, à margem, a partir de coordenadas estabelecidas pela interseção dos três registros: real, simbólico e imaginário.

No que tange ao olhar, trata-se da matriz da constituição do eu uma vez que para *ser* o indivíduo necessita ser visto pelo Outro, alguém que lhe confira visibilidade e portanto lhe assegure o direito de existir. Zimmerman (1999 *apud* Lacan) menciona que o eu se constrói a partir do Outro. Já antecipava Lacan: “Eu sou o Outro”. Para o autor:

A matéria-prima essencial nesse processo é o corpo do outro, é dele que se retira a substância básica. Assim, o corpo materno, inicialmente, não é um outro corpo, mas o seu próprio corpo. Esse espelho que compõe a função materna não é tão-somente um olhar concreto, senão que a pulsão escópica inclui todos aqueles significantes que vão posicionar esse olhar (mitos familiares, etc.). O mais importante, aqui, é que o lactente começa a estruturar-se e a sustentar-se por meio de um eixo oral e visual. (Zimmerman, 1999, p. 427)

Passaremos à análise do conceito de pulsão escópica, construto que possibilitou à psicanálise atribuir uma atividade ao olho enquanto fonte de libido, e não apenas fonte de

⁵ Termo que designa o objeto do qual o sujeito está separado como de uma parte de si mesmo e que lhe permite assim, constituir-se como sujeito do desejo. Situado para além do dom, mais por trás do sujeito que na frente, este só pode encontrá-lo em objetos que o ludibriam. O termo *a* também é empregado para os objetos onde se encontra o objeto perdido, isto é, onde o sujeito se engana quanto à sua falta. (Safouan, p. 201, 2006)

visão. Sob essa ótica, o escopismo se faz constituinte da libido, do próprio desejo.

1.2 A pulsão escópica e o olhar

De acordo com Goldfarb (1998, p. 39) a compreensão da questão de corpo na psicanálise requer um retorno ao trajeto delineado por Freud desde o *Projeto* (1895) até sua consolidação gradativa ao longo da elaboração da teoria das pulsões.

Freud (1895/1996), em *Projeto para uma Psicologia Científica*, utiliza inicialmente um aparelho neurológico, nitidamente fisiológico, para dar sustentação às representações de um aparelho psíquico. Nessa obra, o autor concebe o conflito interno entre os impulsos e as defesas como propulsor do funcionamento psíquico do ser humano que buscaria, inicialmente, o princípio de evitar o desprazer.

Para tal, Freud utiliza-se de leis e esquemas gerais da Biologia, como o do arco-reflexo, que culminam na elaboração do conceito de pulsão. Laplanche e Pontalis (2004, p. 394) a definem como um “processo dinâmico que diz respeito à força ou energia interna que permitem ao organismo alcançar seu objetivo visando à eliminação do estado de tensão contido na fonte pulsional.”

Freud (1915a/1996) utiliza a palavra *Trieb* em *As pulsões e suas Vicissitudes* para referir-se à pulsão, conceito que faz mediação entre a Biologia e a Psicologia por tratar-se de construto teórico limítrofe entre o somático e o psíquico. A pulsão, endógena por excelência, é um elemento que não pertence ao mundo exterior. Dessa forma, vale lembrar que um estímulo fisiológico pode cessar no momento em que há uma fuga motora reflexa – arco reflexo - em resposta à estimulação, o que já não ocorre com a pulsão. A compreensão desse conceito é de fundamental importância para se refletir sobre a subjetividade bem como sobre a dinâmica do psiquismo.

Freud (1915a/1996) destaca que a pulsão possui como fonte o corpo. Cada órgão sofre um processo de excitação interna e a meta da pulsão consiste em reduzir o estímulo dessa fonte. Tal dinâmica tem por objetivo o alívio da energia por meio de reações somáticas. Essa descarga promove a sensação de prazer pelo alívio da tensão. Esse autor introduz no *Projeto* (1895) a noção de constância, a fim de explicar a tendência de o aparelho psíquico buscar o equilíbrio por meio da manutenção do mínimo de energia. Já a armazenagem de grande quantidade de energia por maior tempo causa tensão desagradável que após descarga proporciona o prazer.

Na Primeira Tópica, quando Freud estabelece como instâncias do aparelho psíquico o inconsciente, o pré-consciente e o consciente, o autor admite apenas a existência das pulsões sexual e de autoconservação. No entanto, quando as sementes da Segunda Tópica são lançadas, em *Além do Princípio do Prazer*, Freud (1920/1996) introduz o conceito de pulsão de morte e destaca que na compulsão à repetição, nos sonhos de neuroses traumáticas e em jogos infantis, percebe-se a ocorrência de uma energia pulsional que não possui como objetivo a satisfação e que ultrapassa o Princípio do Prazer.

Mezan (2003) acredita que o conceito de pulsão deva ser analisado à luz da natureza conflitante de duas entidades psíquicas – impulsos e defesas – e enaltece que o conflito último seria travado entre duas espécies de pulsão, uma delas seria a sexualidade; sua antagonista variará ao longo dos textos. Em *Além do Princípio do Prazer*, a pulsão de vida que na Segunda Tópica engloba o conceito de pulsão sexual, atuaria em oposição à pulsão de morte.

Na obra *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud (1905/1996) aborda a questão das perversões e demonstra o caráter contingente da pulsão sexual assim como destaca sua multiplicidade de alvos. O autor enfatiza que a pulsão sexual é composta por pulsões parciais tais como a oral, anal, fálica mas também a escópica.

Freud (1905/1996), ao longo da elaboração da teoria pulsional, introduz a noção de

apoio da pulsão sobre o instinto e estabelece estreita ligação entre a pulsão sexual e certas funções corporais. As pulsões sexuais, que só secundariamente se tornam independentes, apóiam-se nas funções vitais que lhes fornecem uma fonte orgânica, uma direção e um objeto.

Freud (*apud* Quinet, 2002, p. 78) designa que a fonte (*Quelle*) localiza-se em um órgão ou em uma parte do corpo e cuja excitação é representada na vida psíquica pela pulsão. A fonte corresponde à zona erógena que possui uma estrutura de borda tal como a boca, o ânus, mas também o buraco do ouvido, e o olho com a fenda palpebral. Para o autor:

A fonte diferencia as pulsões conforme seu ponto de partida: oral, anal, invocante e escópica. A fonte da pulsão lhe confere sempre um caráter parcial... (...) A capacidade do olho, como zona erógena, de investir à distância o objeto sexual particulariza o campo da pulsão escópica. (Quinet, 2002, p. 78)

Quinet (2002) afirma que o escopismo já fora esboçado, aludido e figurado na Antiguidade, na Filosofia, na ótica, nos mitos e no teatro (Édipo rei é o seu paradigma). Assim, a psicanálise abordou tal temática de forma conceitual, em particular, a partir dos fundamentos preconizados por Freud acerca da pulsão escópica bem como dos defendidos por Lacan sobre o objeto *a*⁶ em sua modalidade de olhar. Segundo o autor:

O conceito de pulsão escópica permitiu à psicanálise restabelecer uma função de atividade para o olho não mais como fonte da visão, mas como fonte da libido. Onde os antigos têm o conceito de raio visual e o fogo do olhar, a psicanálise descobre a libido de ver e o objeto olhar como manifestação da vida sexual. (Quinet, 2002, p. 10).

O mesmo autor afirma que a psicanálise, ao reconhecer o olhar como objeto da pulsão,

⁶ O objeto *a* constitui-se como objeto causa do desejo, não especular, a partir da imagem do outro, especular. Lacan limita a quatro as formas do objeto *a*: seio, fezes, olhar, voz. (Porge, p. 181,182, 2006)

rompe com a tradição filosófica, que em geral não distingue o olhar da visão. O olhar da filosofia configura-se como um atributo do sujeito. Já o olhar enfatizado por Lacan como objeto da pulsão escópica descrita por Freud, não se refere ao sujeito mas aos objetos. Trata-se de objeto ligado ao gozo, inapreensível pelo eu, que promove o brilho, o interesse, o fascínio do mundo da visão. (Quinet, 2002, p. 18)

Convém destacar que a noção de olhar metafísico presente nas obras de Platão e de Aristóteles relaciona-se à contemplação e à busca do saber e da verdade. Tal temática vai parcialmente ao encontro das idéias defendidas por Lacan sobretudo no que diz respeito ao gozo escópico. Para o autor, o olhar não deixa de ter uma relação com o gozo presente na contemplação. No entanto, esse olhar não faria parte do mundo das imagens e das coisas sensíveis, sendo barrado pelos simulacros, sombras e cópias antepostas à visão.

A esse respeito, faz-se oportuno citar Platão (*apud* Aranha & Martins, 1997) que, em *A República*, discorre sobre a existência de dois mundos diferenciados: o inteligível e o sensível. O primeiro refere-se às essências imutáveis que o homem atinge pela contemplação e pela depuração dos enganos dos sentidos. É o mundo verdadeiro, real, eterno e é povoado pelas idéias. O último diz respeito aos fenômenos, às imagens refletidas, é mutável e acessível aos sentidos. Trata-se, portanto, de uma cópia do mundo inteligível.

Lacan (*apud* Quinet, 2002) refere-se a uma esquizo entre a visão e o olhar a partir da divisão de mundos proposta por Platão. Dessa forma, os simulacros, os corpos, os objetos e os artefatos se situam no âmbito da visão ao tempo em que o olhar emerge onde não há visão, portanto, no domínio das idéias. A visão relaciona-se à geometria do olho como paradigma da tópica do Imaginário ao passo que o olhar configura-se como objeto real da pulsão, no campo escópico.

Nesse contexto, há que se distinguir a especificidade da pulsão escópica que, ao contrário dos demais tipos de pulsão – tais como oral, anal - não está ancorada na

necessidade. De acordo com Quinet (2002), necessitamos comer e evacuar, mas não necessitamos olhar. Ele está, portanto, para além da necessidade e da demanda. A dimensão do olhar, então, relaciona-se ao gozo presente na contemplação.

O mesmo autor afirma que é a pulsão escópica que confere caráter de beleza ao objeto desejado do mundo sensível e permite ao sujeito “tocá-lo com os olhos” e “desnudá-lo com o olhar”. Esta é a função háptica do olhar, termo utilizado pelo filósofo Deleuze para qualificar uma modalidade da relação entre a visão e o tocar, entre a mão e o olho mas também descrita por poetas tais como Manoel de Barros (2010, p. 442) que, em poema intitulado *Pêssego*, afirma que “o olhar de *voyeur* tem condições de phalo (possui o que vê)”, ou mesmo observada em expressões populares como: “comer com os olhos”, “perscrutar”, “examinar”. Trata-se de formações de linguagem que mais se relacionam ao objeto *a* do que com a instrumentalização do olhar e sua função ótica, feita para enganar o sujeito no que tange a seu desejo. (idem)

Freud (1915a/1996), em *As pulsões e suas vicissitudes*, utiliza-se das pulsões de ver e de crueldade para abordar dois destinos da pulsão sexual: inversão no contrário e reversão à própria pessoa. Para explicar tais processos introduz dois pares de opostos: sadismo-masiquismo e voyeurismo-exibicionismo. Discorre, ainda, sobre a reversibilidade da pulsão escópica por ele descrita em 3 tempos: olhar/ser olhado/fazer-se ser olhado.

Scheinkman afirma que Freud propôs as seguintes etapas para a pulsão escópica:

- a) Olhar, como atividade dirigida a um objeto estranho; b) Abandono do objeto, reversão da pulsão de olhar para uma parte do próprio corpo; ao mesmo tempo, inversão em passividade e instauração de um novo alvo: ser olhado c) Introdução de um novo sujeito a quem o sujeito se mostra para ser olhado por ele. (Scheinkman, 1995, p. 32)

Freud (1915a) refere-se a esse circuito pulsional e faz alusão à gramática das pulsões na qual, conforme destaca Scheinkman (1995), recorre a artifícios da língua e, em particular, às vozes passiva, reflexiva e ativa, sempre sob a forma de um dualismo (como ver/ser visto; torturar/ser torturado).

O olhar é, portanto, o objeto que emerge na terceira etapa da pulsão escópica. Apesar da inversão do sujeito e do objeto gramaticais, Freud (1915a/1996) afirma duvidar que a meta ativa preceda a passiva, ou seja, que o *olhar* ocorra antes do *ser olhado*. Refere-se, portanto, a uma etapa anterior à atividade de olhar: (...) inicialmente a pulsão de ver é auto-erótica, tem sem dúvida um objeto, mas este se encontra no próprio corpo. Só mais tarde se vê levada (pela via da comparação) a permutar este objeto por um análogo no corpo alheio. (Freud, 1915a p. 125).

Lacan (1964/1993) introduz no Seminário 11 uma dialética do sujeito e do Outro. O autor estabelece que a posição do objeto *a* é determinada de forma topológica, a qual considera o melhor estatuto para a apreensão do objeto pulsional olhar. Inapreensível por natureza, conforme enfatiza Scheinkman (1995), o olhar situa-se numa superfície na qual existe entre o sujeito e o objeto um entrelaçamento onde advirá o objeto *a*.

O olhar como objeto *a* é o que melhor representa o caráter agalmático do objeto causa do desejo, na medida em que o agalma é sempre descrito por seu esplendor, sua beleza, o que resplandece como uma jóia fulgurante mesmo fora da luz ou como um ponto de onde a luz se irradia. Quinet (2002, p. 62) aponta que a virtude inerente ao agalma é a de um poder social. Possui ainda um poder mágico, cuja utilização como ídolo ou ícone representando personagens divinos denota a “função de fetiche do objeto”. O olhar como agalma é uma das formas de ancorar o sujeito a seu gozo diante do qual o sujeito se apaga.

Lacan (1964/1993) aponta para a estreita ligação da pulsão escópica com a sexualidade, que se vincula ao desejo. Destaca, ainda, que esse tipo de pulsão associa-se ao

desejo do Outro. Conforme descreve Bichara (2006), o desejo do Outro é o desejo do corpo do Outro, do olhar do Outro; é o olhar que o sujeito teria, um dia encontrado e, logo perdido: o olhar da mãe. Assim, será sempre buscado, o que o torna veículo para estabelecer laços entre os sujeitos.

A circularidade da pulsão é por Lacan (1964/1993) enfatizada sobretudo no que diz respeito ao fato de ser marcada por um certo fiasco, por tratar-se de um objeto para sempre perdido. No Seminário 11, o autor menciona que no terceiro tempo da pulsão escópica verifica-se, a partir da estrutura da linguagem, o surgimento de um novo sujeito.

Scheinkman (1995) afirma que é a partir da perda que o objeto da pulsão se constitui, por subtração do Outro. Ressalta, ainda, que o olhar é o objeto da pulsão escópica. Ele é subtraído daquele que desempenha, nesse momento, o papel do Outro que assim o constitui como objeto. A esse respeito, a autora esclarece:

Nesse terceiro tempo, o sujeito aparece; no entanto, aparece sob a forma de um outro que o olha. Aquele que é olhado só se torna sujeito por haver um sujeito que o olha. Se a pulsão subtrai algo do Outro, que nesse caso é o olhar, esse objeto olhar desprende-se dessa Outra subjetividade. É nesse momento que ele assume a função de sujeito. É a partir dessa dialética entre o outro e o objeto que o sujeito ganha seu lugar e seu estatuto, ou seja, que há, ao mesmo tempo, a constituição do objeto e o aparecimento do sujeito. (Scheinkman, 1995, p. 47).

Assim, a respeito de seu caráter circular, convém enfatizar que é no movimento de retorno no trajeto da pulsão que ela se realiza, isto é, quando o Outro faz sua entrada no espetáculo que até então era de puro gozo. Segundo Scheinkman (1995, p. 38), instaura-se uma ferida no cerne desse real “no momento em que o fecho se fechou, em que é de um pólo

ao outro que houve reversão, em que o outro entrou em jogo, em que o sujeito tomou-se por termo terminal da pulsão”.

De acordo com Quinet (*apud* Scheinkman, 1995), o olhar não se reduz ao órgão da visão, é também fonte de pulsão. Esse autor ressalta que:

O especular não subsume o escópico, ele, antes o vela. Lacan tematiza a presença do sujeito do inconsciente e de sua manifestação de gozo nesse campo elevando a pulsão escópica ao paradigma da pulsão e o olhar como paradigma do objeto *a*, na medida em que, diferentemente dos registros oral e anal, o olhar é fugaz, evanescente, inapreensível. (Quinet, *apud* Scheinkman, 1995, p.15-16).

Segundo Nasio (1995b, p.16-17), o olhar foi descrito pela teoria metapsicológica no texto de Freud, *As pulsões e suas vicissitudes*, no qual aparece como a satisfação de um ato mas também como objeto pulsional. Lacan, conforme enfatiza Nasio (op. cit) denomina esta acepção de olhar como gozo-objeto e, mais precisamente de objeto *a*. A visão é, portanto, o contexto no qual emerge o olhar. O mundo é formado de imagens: “o mundo que vemos – para a psicanálise - é um mundo de imagens, não é a coisa em si. E quem vê não somos nós, não são os olhos do corpo, quem vê é o eu.” Nasio diferencia visão do olhar ao afirmar que:

A visão não é o olhar; ver vai de nós para a coisa, isto é, do eu para a imagem da coisa; melhor dizendo da imagem fálica que está em nós para a imagem da coisa; ver vai do eu – imagem fálica, falo imaginário – para a imagem da coisa. Olhar, ao contrário, é um ato provocado por uma imagem que vem da coisa até nós, sem que essa imagem seja a imagem desta ou daquela coisa visível. (Nasio, 1995b, p. 32).

Vimos que a visão não é o olhar. Nasio (1995b, p. 34) parafraseia Freud (1910/1996) em *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão* ao afirmar que “Quando estamos cegos na consciência, olhamos no inconsciente.” Dessa forma, verificamos a existência de uma dimensão imaginária que confere uma continuidade entre o eu e a imagem. O eu é formado, portanto, por um conglomerado de imagens.

1.3 As imagens do corpo

A imagem corporal é particular a cada um, está ligada ao sujeito e a sua história bem como configura-se como produto de um tipo de investimento libidinal. As primeiras impressões registradas pelo psiquismo infantil serão decisivas para a vida adulta e as imagens introjetadas estarão presentes em comportamentos futuros, orientarão escolhas estéticas influenciando, de forma decisiva, a constituição da subjetividade do indivíduo.

Freud (1923/1996) parte do pressuposto de que as percepções ocorridas na infância permanecem registradas no inconsciente por meio de traços mnemônicos, constituindo o embrião de nosso ego. Assim, conforme ressalta o autor, é no corpo do sujeito, sobretudo na superfície, que tanto as sensações externas quanto as internas se originam. Daí advém a afirmação de que o ego é corporal.

As palavras e afetos, conforme ressalta Dolto, associados à vivência corporal e relacional, deixam impressões somato-psíquicas a partir das quais se constituem os primeiros referenciais da criança. Vestígio estrutural da história do sujeito, a imagem inconsciente do corpo molda-se como uma elaboração das emoções precoces experimentadas na relação intersubjetiva com os pais nutridores. (Dolto *apud* Nasio, 1995a, p. 221)

Para Aulagnier (1991, p. 56), o bebê nasce, inicialmente, do desejo dos pais. É no campo do imaginário que ele é fecundado psicologicamente. É sobre essa imagem que é

depositada a libido materna “... esta célula, desde o início, representada pelo corpo imaginado que acompanha e precede a criança”. Ao investir libidinalmente no corpo de seu filho, a mãe se desinveste de seu próprio narcisismo em favor do bebê.

Constatamos que a postura materna em relação ao seu bebê é fundamental para que este possa edificar seus alicerces internos e constituir-se enquanto sujeito desejante. Soler (2005, p. 91) ressalta que “não se pode duvidar de que as fantasias maternas devem ter algo de sua subjetividade, a sua falta e a sua maneira de obturá-la (...) É como ser da fala que ela deixa sua marca no filho.”

Zimerman (1999, p. 230) destaca a importância do papel desempenhado pelo corpo na estruturação do psiquismo e ressalta que tal fenômeno é anterior à formação do pensamento e da linguagem. O autor ainda afirma ser inerente ao ser humano a capacidade de alienar-se no corpo do Outro. Daí a razão pela qual a criança, em seu início evolutivo, traça um domínio imaginário de sua imagem corporal. E o olhar dos pais, sobretudo da mãe, é de fundamental importância para a elaboração dessa imagem primordial que será a matriz para o posterior ingresso do sujeito no registro simbólico.

A imagem corporal é definida por Nasio (2009) a partir de três parâmetros: o afeto, o Outro e o tempo. Dessa forma, toda imagem de uma sensação física só é imagem se for investida, ou seja, se mobilizar grande parte de energia psíquica sob forma de emoção análoga ao evento sensorial. Porém, o investimento libidinal por si só não é suficiente para que um fenômeno sensório seja representado e vivido, faz-se portanto essencial uma referência, a presença do Outro. Por fim, há que se considerar a dimensão do tempo pois a representação mental de uma experiência física é inconcebível se não for precedida por representação semelhante.

As imagens mentais do corpo são, portanto, formadas a partir de um mosaico de representações investidas afetivamente, ao longo do tempo, a partir da presença interiorizada

do Outro. Este conjunto de imagens confere ao ser humano o sentido de existir em um corpo vivo e constitui a essência do eu.

Dejours (1997) defende que a construção do corpo erógeno ocorre de forma gradativa, e sofre influência dos cuidados dos pais, em particular da mãe. Assim, a constituição subjetiva da imagem corporal relaciona-se à incorporação das experiências vividas pelo sujeito bem como pelas suas demandas, desejos e pulsões.

Dessa forma, ressaltamos a importância da relação mãe/bebê para a constituição psíquica do sujeito. A ocorrência de traumas na primeira infância, sejam eles físicos ou psicológicos, provocam estado de desamparo, gerador de angústia que podem persistir até a vida adulta.

A imagem inconsciente do corpo é, conforme afirma Dolto (2004), formada por três componentes indissociáveis: as imagens básica, funcional e erógena. A primeira propicia à criança a sensação de amparo e de segurança tal como a proporcionada, na vida intra-uterina, pela impressão do líquido amniótico protetor, ou pelos acolhedores braços maternos nos quais se resguarda uma criança amedrontada. Corresponde, portanto, à imagem refúgio. A imagem básica é a mais importante delas por conceder à criança a sensação de existir.

A imagem funcional relaciona-se a um corpo ávido por satisfação de necessidades e desejos. Nela estão presentes tanto os objetos concretos que visam suprir necessidades, tais como o leite que alimenta, como também os objetos imaginários e simbólicos que objetivam a satisfação de desejos: o cheiro, o olhar que acalenta, a suavidade da voz materna que acalma.

A imagem de um corpo sentido como um orifício que se contrai e dilata de prazer relaciona-se à imagem erógena. Refere-se, por exemplo, à sensação de a criança sentir seu corpo inteiro como uma boca, durante a mamada, ou como um ânus, quando da evacuação.

Nasio (2009, p. 30) enumera duas condições para que uma sensação tenha sua imagem no inconsciente: que emane de um corpo infantil marcado pela presença de uma mãe

desejante e desejada pelo pai da criança e, segunda condição, que ela se repita com frequência.

Portanto, a imagem do corpo é inconsciente. Nela estão inscritas experiências relacionais da necessidade, do desejo, sejam elas valorizantes ou desvalorizantes. Tais sensações manifestam-se como uma simbolização das variações do esquema corporal.

Há que se fazer, inicialmente, a distinção entre esquema corporal e imagem inconsciente do corpo. Conforme defende Dolto (2004, p. 14), o primeiro conceito diz respeito ao indivíduo enquanto representante da espécie ao tempo em que o segundo refere-se a sua história subjetiva. Assim, a autora concebe o esquema corporal como uma realidade de fato, nosso viver carnal em contato com o mundo físico ao tempo em que a imagem corporal é por ela descrita como a síntese viva de nossas experiências emocionais inter-humanas, repetitivamente vividas através das sensações erógenas eletivas, arcaicas e atuais.

O esquema corporal é um saber inato, mecânico, mais ou menos consciente, que o indivíduo tem de seu próprio corpo e que lhe serve de referência para se situar e se deslocar no espaço. Nasio (2009) destaca que as principais sensações que alimentam o esquema corporal são visuais, auditivas, e cinestésicas. Já a imagem do corpo diz respeito a uma representação inconsciente na qual o corpo revela sua qualidade de substrato relacional de linguagem, afetividade e erogenidade entre o sujeito e o Outro. O autor discorre sobre a distinção entre o esquema corporal e a imagem do corpo, a saber:

(...) a representação pré-consciente que temos de nosso corpo quando este é visto em seus movimentos, percebido em seus deslocamentos, sentido em seu tônus, ajustado em seu equilíbrio, avaliado em suas densidades e limite e, para resumir, situado dinamicamente no espaço. Essa definição permite julgar a distância irreduzível que separa nossos dois corpos: o corpo

neurofisiológico do esquema corporal e o corpo desejante da imagem inconsciente do corpo. (Nasio, 2009, p. 120).

Vimos que as expectativas que antecedem o nascimento de um bebê assim como as sensações por ele registradas em seu início de vida serão determinantes para a sua constituição subjetiva. A natureza do vínculo estabelecido na relação mãe/bebê e a qualidade da troca afetiva e simbólica presentes nessa relação exercerão papel de fundamental importância na construção da identidade do sujeito.

Então, antes de tornar-se sujeito desejante, o indivíduo é marcado, de forma indelével, pela história que o precede. Passaremos a seguir à análise da relevância do papel do Outro, sobretudo da mãe, no que diz respeito à introjeção da imagem inconsciente do corpo, que é algo idiossincrático, de ordem íntima e particular.

1.4 O olhar do Outro na construção da imagem de si

O processo de constituição psíquica do ser humano, desde a vida uterina até a apropriação psíquica de seu corpo e de sua sexualidade, tem sido objeto de estudo de inúmeros analistas. Trata-se de um percurso difícil sobretudo quando a criança perde a ilusão da completude ao reconhecer-se como sujeito dissociado da mãe.

Durante o desenvolvimento do indivíduo há eventos pontuais que consistem em elementos propulsores de sua evolução psíquica: a separação do nascimento, o desmame e a castração são exemplos de experiências de angústia que trazem a marca da falta.

A marca da falta converte-se em um dos pilares da psicanálise. Para Lacan (1962-1963/2005, p. 149) “a falta é radical na própria constituição da subjetividade”. A experiência do vazio ocorre no ser humano somente a partir da vivência da falta. Freud (1926/1996), em *Inibição, Sintoma e Angústia*, afirma que os perigos internos da perda ou separação causam

aumento gradativo da tensão de forma que o sujeito sente-se incapacitado de dominar as excitações. Nesse momento, ele vivencia o sentimento de desamparo.

Ao nascer o bebê encontra-se em estado de desamparo tendo em vista sua total prematuridade. O estado de desamparo é definido por Laplanche e Pontalis (2004, p. 112) “em correlação com a total dependência do bebê humano relativa à mãe, implicando na onipotência desta. Influencia, de forma decisiva, a estruturação do psiquismo, destinado a constituir-se inteiramente na relação com outrem.”

Então, quando investe libidinalmente na criança, a mãe interpreta as necessidades do bebê e gera em seu filho a sensação de dependência. Ao fazê-lo posiciona-se no lugar de único Outro para aquele ser tão frágil. Tal postura será de fundamental importância para a entrada da criança no registro simbólico do desejo materno.

O olhar da mãe é o primeiro espelho para o bebê. Ao ser exposta ao olhar do Outro, a criança adquire visibilidade. Trata-se, portanto, de um olhar de apelo ao Outro: todo olhar é suplicante por um olhar do Outro. E a ausência desse olhar materno denuncia a falta do desejo do Outro. De acordo com Assoun (1999, p. 101), “o olhar se liga ao desejo – entendamos, um registro pulsional que toca o desejo do Outro; mas além disso, ele lembra esta súplica, sob forma de demanda, ao Outro que constitui a pulsão oral: há, portanto, uma “avidez” escópica.”

Outeiral (2001) esclarece que Winnicott, influenciado pelo texto lacaniano *O estádio do espelho*, elaborou em 1967, *O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento da criança*. Winnicott adotou, entretanto, concepção diferenciada de Lacan por referir-se a uma relação de mutualidade entre o bebê e mãe, a mãe-ambiente que incluiu além da mãe-objeto, o pai e família. No trabalho acima mencionado, o autor ressalta que:

(...) o precursor do espelho é o rosto da mãe. O trabalho de Jacques Lacan, *Le Stade du Miroir* (1949), por certo me

influenciou (...) Entretanto, Lacan não pensa no espelho em termos do rosto da mãe da maneira como desejo fazer aqui: o que o bebê vê, quando olha para o rosto da mãe? Sugiro que, normalmente, o que o bebê vê é a si próprio. A mãe olha para o bebê e aquilo que ela parece relaciona-se com aquilo que ela vê. (Winnicott *apud* Outeiral, 2001, p. 84)

Outeiral (2001) afirma que a observação de bebês permite identificar inúmeros momentos nos quais a função especular está presente. Quando o bebê mama, na maioria das vezes, ele busca olhar não o seio mas o olhar materno. Quando a mãe não lhe oferece o olhar ele busca um objeto brilhante, uma lâmpada, uma janela ou a televisão, para “sustentar” seu olhar.

Segundo salienta Kehl (2004, p. 148), “antes de saber que pensa, o filhote de homem já sabe que existe, a partir do olhar que o Outro dirige à sua imagem.” Não é, portanto, o pensamento que conduz à singularidade do ser. O que garante o “ser” para um sujeito é sua visibilidade – para Outro sujeito. Então, constatamos que é no outro e pelo outro que a criança aprende a se reconhecer; seu desejo assim como seu corpo não é vivido inicialmente como seu mas projetado e alienado no Outro.

Nasio (2009) destaca a importância de a mãe conseguir antecipar-se às expectativas de seu bebê e estar apta a dar sentido às produções que ele lhe dirige – sorrisos, olhares, choros, gritos, fezes. Para o autor, é fundamental que a mãe possa acolher cada uma dessas manifestações como mensagens de amor, de rejeição, de desejo, de angústia. É esta a qualidade de troca mãe-filho que deve prevalecer para que as sensações vivenciadas pela criança inscrevam-se em seu inconsciente.

A esse respeito, Safra (2005) nos apresenta as concepções estética e ética do *self* e as relaciona às dimensões materiais e sensoriais da existência. O autor considera os aspectos

culturais e históricos dos encontros humanos no campo dos sentidos como elementos constitutivos do *self*⁷, elaborados a partir de significados compartilhados e consensuais.

A palavra *estética*, derivada do grego, embora tradicionalmente usada para referir-se à arte e ao belo também designa a ciência do sentido, da sensação. Safra (2005, p. 20) utiliza este termo para abordar o fenômeno pelo qual o indivíduo cria uma forma imagética, sensorial que veicula sensações de agrado, encanto, temor, horror. Estas imagens organizam-se em diferentes campos sensoriais: sonoro, visual, gustativo e tátil e, quando atualizadas pela presença de um Outro significativo, permitem que a pessoa constitua os fundamentos de seu *self*, podendo então existir no mundo.

Imerso em sinestésias, sons, temperaturas, cores e cheiros, a criança constitui seu *self* e sua maneira de ser, por meio de determinada forma sensorial que ganhou predominância no mundo do bebê que ele foi. Para alguns a visão é o sentido fundamental, para outros o tato, ou o uso da musculatura, a sonoridade, ou o ritmo. Safra (2005) ressalta que é pela forma sensorial privilegiada para um indivíduo que se abre à constituição do objeto subjetivo e seu estilo de ser. As formas estéticas originam-se no contato do corpo da criança com o da mãe. Este processo permite que a criança habite um corpo que foi significado pela presença afetiva do Outro.

O encontro estético permite que as formas sensoriais que se organizam na relação mãe-bebê, convertam-se no ponto focal do desenvolvimento da vida imaginativa. Nele a experiência da beleza, do conhecimento, do amor ocorrem ao mesmo tempo. Conforme relata Safra (2005):

(...) por intermédio deste fenômeno, há o estabelecimento de uma **ética do ser**. Nela, o indivíduo passa a conhecer o que é bom para seu vir-a-ser e para seu alojamento no mundo, acha-o

⁷ Self é uma organização dinâmica que acontece dentro do processo de integração maturacional com a facilitação de um meio ambiente humano. (Safra, 2005, p. 39)

belo e ama. Trata-se da experiência de conhecer sem pensar a respeito de si e dos objetos do mundo, que abrem novas dimensões de seu devir e do próprio mundo. (Safra, 2005, p. 48)

Em relação ao nosso objeto de estudo o sentido referencial enfocado relaciona-se à visão na medida em que se investiga de que forma o ego do indivíduo se ancora, em etapa de maior maturidade, em um grupo de formas sensoriais que foi, em época primeva, responsável pela constituição de seu *self*.

Dessa forma, no que tange à pulsão escópica, podemos afirmar que o olhar é um dos suportes do desejo do Outro e o sujeito é afetado pelo olhar enquanto objeto de desejo do Outro. Portanto, conforme esclarece Nasio (2009), a imagem inconsciente do corpo é a imagem de uma emoção partilhada, a imagem do ritmo da interação carinhosa, desejante e simbólica entre uma criança e sua mãe.

Portanto, o olhar de que trata a psicanálise não é um olhar do sujeito mas sim que incide sobre ele, é um olhar que o visa: inapreensível, pulsional. Essa divisão entre olho/olhar nos remete à tópica lacaniana dos três registros: imaginário, simbólico e real que nos esclarecem como se dá a articulação do visível com o invisível. Quinet ressalta que:

o registro simbólico age como barreira entre o imaginário e o real ao mesmo tempo que os articula. O registro do imaginário é o campo do visível, onde se encontra o mundo dos objetos perceptíveis e das imagens que segue a tópica especular. É onde reina o eu, mestre da consciência, do corporal, que, no entanto, não governa – pois quem comanda é o simbólico com uma lógica significante. O real é o registro pulsional, da causalidade, espaço que Lacan apreendeu com a topologia, invisível aos olhos humanos, em que o olhar faz de todos (os que vêem e os

que não vêem) serem vistos, mergulhados na visão. (Quinet, 2002, p. 41)

O mesmo autor conclui que o real refere-se, portanto, ao domínio da pulsão, que nos afeta quando nos satisfaz, quando da *Schauslust*, o gozo do olhar. Já a percepção do mundo, do ponto de vista visual, é da ordem do imaginário, estruturado e sustentado pelo simbólico. Trata-se de um mundo de imagens cujo protótipo nos é oferecido pelo espelho ao tempo em que a geometria e perspectivas nos são concedidas pelo registro simbólico.

Este estudo lança luz sobre os mecanismos de subjetivação do homem pós-moderno cujo funcionamento psíquico prima pelo predomínio dos registros imaginário e real em detrimento do simbólico, característica marcante da sociedade do espetáculo que sobrevaloriza o caráter alienante da imagem.

Para Lacan (1962-1963/2005), enquanto não atinge o estatuto de sujeito desejante, alcançado por meio do ingresso no registro simbólico, o indivíduo permanece vinculado aos registros real e imaginário o que, não raro, lhe traz sensações angustiantes. Para tal, é importante tentar compreender de que forma o sujeito organiza-se e estrutura-se psiquicamente em relação ao mundo que o cerca.

Nasio (2009) refere-se à imagem inconsciente do corpo em sua qualidade de substrato relacional entre o sujeito e o Outro, a partir da linguagem, da afetividade e da erogenidade. Situa-se, portanto, entre duas presenças engajadas num laço de ternura e desejo. O autor concebe tal imagem do corpo não mais no interior de um indivíduo mas no intervalo de entre-dois de uma intensa relação afetiva.

Faz-se oportuno mencionar a magnitude do papel desempenhado pela mãe em relação à formação da imagem inconsciente de seu corpo de seu bebê. A natureza do vínculo estabelecido com a criança constitui-se como fator estruturante do desenvolvimento infantil. Vale lembrar que muitas patologias decorrem de falhas da função materna e causam

desestruturação psíquica da criança e, conseqüentemente, do futuro adulto.

Tal temática tem sido, ao longo da história da psicanálise, objeto de estudo de vários autores tais como Winnicott (1945 *apud* Zimmerman, 1999, p. 27) que destaca no conjunto de sua obra a relevância de uma adequada maternagem proveniente de uma mãe suficientemente boa; Green (1976 *apud* Zimmerman, 1999, p. 112) que, a partir do conceito de “mãe morta”, analisa as conseqüências do desamparo vivido por crianças filhas de mães deprimidas; Bion (*apud* Zimmerman, 1999, p. 112) que também estuda o desamparo infantil e enfatiza que quando a mãe fracassa em sua função de *rêverie*, ou seja, de contenção das angústias e ansiedades filiais, a criança ficará invadida por “sentimentos de ódio decorrentes das excessivas frustrações de não ser compreendida e contida, o que propiciará um círculo vicioso de esvaziamento e medo”.

Oportuno se faz lembrar que Lacan (1949 *apud* Zimmerman, 1999) discorre, em sua obra, sobre a angústia de despedaçamento bem como sobre eventuais falhas maternas durante o Estádio do Espelho. Daí advém a importância do recíproco espelhamento mãe/filho(a) para a formação identitária da criança.

Veremos a seguir a elaboração de Lacan sobre o Estádio do Espelho enquanto formador da subjetividade.

1.5 O registro imaginário e o Estádio do Espelho segundo Lacan

O espelho físico e a função especular têm sido objeto de investigação de autores tais como Dolto e Lacan, ambos estudiosos dos enigmas do corpo e suas imagens, inclusive de crianças em seus primórdios evolutivos.

O registro imaginário na psicanálise, conforme destaca Quinet, (2002), afirma-se enquanto o registro da identificação especular ao semelhante e refere-se ao campo do corpo e

dos objetos empíricos do desejo. Vincula-se às crenças, às fantasias, aos sentimentos e às imagens.

De acordo com Lacan (2005), o imaginário é da ordem do engano e da fraude tendo em vista o fato de que a imagem do Outro no espelho reflete a falta desse Outro. Assim, “no lugar do Outro perfila-se uma imagem apenas refletida de nós mesmos. Ela é autenticada pelo Outro, porém, já é problemática, ou até falaciosa.” (Lacan, 1962-1963/2005, p.55).

O Outro em psicanálise é testemunha da visibilidade do sujeito, portanto de sua existência presentificada em uma imagem: à posição do sujeito na imagem, chamamos Eu ideal. O Outro é também portador imaginário de uma esperança que sustenta o sujeito no fio do tempo: a de que ele estará mais perto do Eu ideal quanto mais se parecer consigo mesmo. Ou melhor: quanto mais se parecer com aquele que supõe que o Outro veja. (Kehl, 2004, p. 149)

Especial ênfase, portanto, é concedida ao olhar do Outro a partir do qual o ser humano capta, internaliza e estrutura o seu imaginário. O espelho reflete o olhar materno, paterno ou de alguém significativo para a criança de forma a criar a imagem inconsciente que lhe conferirá coesão interna. Nesse contexto, como metáfora do vínculo mãe/filho, o olhar materno surge como ícone da alteridade e pode consistir tanto no reflexo de acolhimento e de reconhecimento como também de rejeição ou mesmo indiferença.

Em relação à importância da função especular materna para o desenvolvimento psíquico da criança, na qual ela se vê refletida e reconhecida no olhar da mãe, Zimmerman (1999) julga procedente prolongar a metáfora kleiniana de “seio bom e seio mau” para a de “olhar bom e olhar mau” da mãe. De acordo com o autor:

(...) Muito cresce a responsabilidade da mãe real, pois sendo um espelho do filho ela tanto pode refletir o que ele realmente é, ou qual um espelho que distorce as imagens – o que lembra aqueles

espelhos côncavos e convexos que aparecem em parques de diversão – a mãe pode refletir aquilo que ela própria é, ou imagina ser. Mas pior do que essa mãe que distorce imagens é aquela que funciona como espelho-opaco, que nada reflete, nem de bom nem de mau. (Zimerman, 1999, p. 109).

Lacan (1953-1954/1996) apresentou um trabalho intitulado *O Estádio do Espelho como formador da função do eu tal como é revelada na experiência analítica*, em 1949, no XIV Congresso Internacional de Psicanálise de Zurique. Nele, o autor refere-se ao Estádio do Espelho como operação psíquica na qual o ser humano se constitui a partir de uma identificação com seu semelhante.

A etapa do espelho na constituição do sujeito ocorre entre os seis e dezoito meses, dividida em 3 fases de seis meses cada uma. Na primeira etapa, o bebê se reconhece na imagem de um Outro no espelho, fato que lhe propicia a ilusão de completude e contrapõe-se ao desfacelamento das pulsões auto-eróticas. Assim, ao olhar-se na superfície espelhada considera-se outrem, isto é, um ser real que ela deseja tocar.

De acordo com Zimerman (1999), nessa fase a criança adquire, progressivamente, uma imagem unificada do corpo. Ocorre, portanto, uma antecipação da imagem da totalidade corporal em relação à do esquema corporal real; assim a criança reage com júbilo diante da imagem completa de si mesma.

Esta primeira fase, na qual inexistente qualquer alteridade no campo psíquico, corresponde ao narcisismo primário, estado arcaico de plenitude em que o eu constitui seu próprio ideal. Para Mezan (2006, p. 128) “ele é formado por resquícios dos momentos mais primitivos de nossa vida, aqueles em não tínhamos consciência da limitação, da imperfeição e da finitude que nos caracterizam como seres humanos”. A partir dessa imagem de perfeição narcísica, a criança identifica-se com o falo, enquanto símbolo da totalidade e da completude.

A esse respeito Mezan (2006) elenca algumas fantasias relacionadas ao eu ideal: o corpo e sua beleza, a inteligência, o saber, a virtude, o poder, o sexo ou ainda a independência de quem se basta a si próprio em sua inacessibilidade. Trata-se de fantasias de completude, de auto-suficiência e de onipotência que parecem estar ancoradas na exacerbação narcísica e na onipotência dos indivíduos que buscam a construção do corpo-vitrine.

Esse estágio inicial de desenvolvimento psíquico, vinculado ao narcisismo primário, aponta para a ilusão da constituição do corpo auto-plástico, a partir da concepção de corpo enquanto “obra” do sujeito. Enquanto objeto moldável ao bel-prazer, se por um lado o corpo converte-se em lócus de intervenção privilegiado no qual o indivíduo tenta subverter a fisiologia, por outro lado revela uma lacuna na constituição do eixo da subjetividade. Estaria o mecanismo de recusa, por meio do qual o sujeito enxerga e nega, ao mesmo tempo, a constatação da falta, presente na dinâmica psíquica daqueles que constroem o corpo-vitrine?

Já na segunda fase do Estádio do Espelho, conforme discorre Zimmerman (1999, p. 188), a criança percebe que o Outro do espelho não é um ser real, ou seja, que este não passa de uma imagem. Tal percepção gera alguma confusão identitária. De acordo com Lacan (1962-1963/2005, p. 103) esse estágio caracteriza-se pela “referência transicional que se estabelece em relação ao outro imaginário, o seu semelhante. É isso que faz com que sua identidade seja sempre difícil de discernir da identidade do Outro.”

Assim, ao confundir-se corporalmente com a imagem materna, a criança encontra-se alienada no corpo da mãe, esse Outro que lhe proporciona a ilusão de completude e que a protege da sensação de “corpo despedaçado”. Imersa em um registro narcísico-imaginário, a criança identifica-se com o desejo da mãe, ou seja, deseja ser o falo da mãe. Note-se que o falo não é sinônimo de pênis mas deve ser entendido como símbolo de poder.

Conforme dispõe Zimmerman (1999, p. 56) caso a mãe reforce a ilusão de que ela e o bebê são a mesma coisa, a criança nutrirá a crença de que deverá “ser o falo da mãe”, daí o

seu desejo passará a ser o desejo da mãe. Assim, ao tamponar a falta materna, o bebê faz dela uma mulher plena, preenchida. Porém, para que tal dinâmica ocorra de forma eficaz, deve haver reciprocidade no desejo de ambos.

A partir da relação dual e simbiótica mãe/filho, o bebê cola seu desejo ao da mãe e se reconhece na imagem desta. McDougall (2002, p. 10) ressalta a importância da identificação infantil com essa imago, fundamental para que o infante possa estruturar-se psiquicamente e auto-afirmar as funções maternas introjetadas. Segundo a autora, “em consequência, ela conservará o duplo desejo de ser ela mesma e o outro, bem como a dupla ilusão de estar munida de uma identidade separada, íntegra, conservando um acesso virtual à unidade originária, inefável.”

A mãe se desinveste de seu próprio narcisismo em favor do bebê ao investir libidinalmente no corpo de seu filho. Então, o processo de espelhamento propicia o estabelecimento de identificações, não apenas entre o eu e a imagem que se tem de si, como também entre o eu e os objetos do mundo externo.

Na segunda fase do estágio do espelho, o sujeito é norteado por um ideal que o transcende e que o ultrapassa, algo da ordem do inatingível. Trata-se do registro do ideal do eu que, segundo Zimmerman (1999, p. 85) é o herdeiro do eu ideal, projetado nos pais, somado às aspirações e expectativas próprias destes últimos. Dentro do sujeito o ideal do eu é conjugado no tempo futuro e condicional: “Eu deveria ser assim, senão...”

No entanto, segundo esse autor, a “permanência do ideal do eu em grau exagerado levará o sujeito a construir um *falso self*⁸ para corresponder às expectativas dos outros ou conduzir a quadros fóbicos ou narcisistas”. (Zimmerman, 1999, p. 85)

A busca pelo ideal corporal, presentificado por meio da construção do corpo-vitrine,

⁸ Segundo Winnicott (*apud* Zimmerman, 1999, p. 59) quando a mãe aceita amorosamente seu filho como ele verdadeiramente é, a criança formará um *self* verdadeiro; caso contrário, se o filho sentir que para garantir o amor materno deverá renunciar à espontaneidade e se submeter às expectativas que a mãe nele deposita, cedo ele aprenderá a usar uma aparência de atitudes não autênticas.

temática abordada nesse estudo, nos parece relacionar-se ao ideal do eu, a partir da constituição de um ideal inatingível ditado pelo olhar e pelo julgamento do Outro.

Por fim, na terceira faz do estádio do espelho, a criança descobre que a imagem refletida no espelho é sua. Segundo Zimmerman (1999), ela manifesta um intenso júbilo e gosta de brincar com os movimentos de seu próprio corpo no espelho. Superada a fase simbiótica, o corpo fragmentado aglutina-se e possibilita a diferenciação entre “eu” e “não-eu”. De acordo com o autor:

A ruptura de uma relação narcísica em direção a uma etapa mais evoluída, a Edípica, é a marca dessa transição que é pautada pela castração simbólica, ou seja, que o indivíduo tenha a vivência da perda do paraíso simbiótico com a mãe. A consequência disso é a de um sentimento de incompletude e o penoso reconhecimento de que ele depende e tem necessidade do Outro. (Zimmerman, 1999, p. 158).

Vimos que o espelho associa-se à função escópica e remete à reflexão sobre as relações do sujeito com seu universo objetal. De acordo com Quinet (2002, p. 18), tanto Freud como Lacan concedem especial destaque ao âmbito pulsional relativo ao olho: apelam para a pulsão escópica para estabelecer tanto a gramática das pulsões, em Freud, quanto ao circuito pulsional entre o sujeito e o objeto, defendido por Lacan. Ambos partem do ensinamento da clínica psicanalítica e da observação da vida cotidiana, aprendendo os modos de satisfação desta pulsão: o gozo do olhar.

No Capítulo 2, a partir dos conceitos ora estudados, passaremos à análise do corpo fetichizado e às novas formas de prazer na pós-modernidade, denominada, por Débord (2006), a Sociedade do Espetáculo. ‘

CAPÍTULO 2 - O CORPO FETICHIZADO E NOVAS FORMAS DE PRAZER

2.1 Narcisismo e culto exacerbado de si

Freud (1914/1996) introduziu o conceito de narcisismo na teoria psicanalítica por meio do texto *Sobre o narcisismo: uma introdução*, no qual discorre sobre os tipos de investimento libidinal. Conforme dispõem Laplanche e Pontalis (2004), o autor refere-se ao princípio de conservação de energia libidinal a partir de um equilíbrio entre a libido do ego e a libido objetal e esclarece que quanto maior for o investimento objetal, maior será a retirada da libido sobre o sujeito e vice-versa.

O termo narcisismo, de acordo com Laplanche e Pontalis (2004), faz alusão ao mito grego de Narciso, personagem que ama sua imagem espelhada na água, mas subjetivamente ama outra pessoa. Trata-se, portanto, de um amor pela própria imagem que descreve a fantasia inconsciente de um objeto amado que reside dentro do sujeito, fato que consiste na base da identificação.

A civilização ocidental incentiva o investimento na auto-imagem. A centralidade conferida ao “belo corpo” emerge como paradigma de um mundo alicerçado nas imagens, na aparência. A cultura narcísica⁹ e a sociedade do espetáculo promovem a exterioridade e o autocentramento.

Constata-se, portanto, uma reconfiguração de valores que subverte a subjetividade dos primórdios da modernidade, que se alicerçava nas noções de interioridade e reflexão sobre si mesma e com isso, assume uma configuração, conforme descreve Birman (2005, p.23) “decididamente estetizante, em que o olhar do outro no campo social e midiático passa a ocupar uma posição estratégica em sua economia psíquica.”

⁹ Expressão utilizada por Christopher Lasch como contrapartida psicológico-cultural do que anteriormente Karen Horney denominou “cultura neurótica”. (Lasch, 1979)

Nesse contexto o corpo passa a ser visto como capital e portanto imbuído de poder. Foucault (2005, p. 146) defende que o poder penetrou no corpo, e nele encontra-se exposto. Dessa forma, o domínio, a consciência de si próprio, só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo.

Ocorre que, na atualidade, verifica-se a paradoxal instauração de uma moral estética de acordo com a qual os corpos expostos exigem por parte dos homens e das mulheres não apenas maior autocontrole no que diz respeito às pulsões, mas também de sua aparência física. (Elias, 1990 *apud* Goldenberg & Ramos, 2002, p. 25)

Conforme defendem Domingues e Próchno (2004, p. 150), tal como Narciso, o sujeito pós-moderno vive em um registro especular e “perde-se em sua própria imagem, não dando conta das suas relações com o outro, pois amar implica em sacrificar um fragmento de seu narcisismo, enquanto ser amado implica em ser visto e apreciado.” Ao assumir uma postura exibicionista, deixa de haver espaço para trocas intersubjetivas.

Se na mitologia clássica Narciso morre de inanição ao contemplar sua imagem e deleitar-se com sua beleza refletida na água, no século XXI, essa fonte é substituída pelo reflexo no olhar do Outro. Vale lembrar que não raro essa busca incessante pelo reconhecimento do desejo do Outro torna-se um gozo mortífero que transcende o princípio do prazer.

Quinet (2002) afirma que o gozo escópico, a *Schaulust* que a pulsão de ver provê é o gozo dos espetáculos e também o gozo do horror, pois o olhar não pode se ver a não ser ao preço da cegueira ou do desaparecimento do sujeito, o que indica que toda pulsão é também pulsão de morte.

O narcisismo também é passível de ser abordado sob o viés da agressividade. A visão de Roudinesco (2006, p. 52) parece corroborar com esse pressuposto: “a obsessão por si

mesmo é sempre portadora de uma rejeição do Outro, transformada em ódio de si e, portanto, em ódio pela presença do Outro em si.” Para a autora, essa postura produziria uma ruptura interna correlata à existência de um vazio que se busca encobrir. Trata-se de um desespero identitário que culmina na autoglorificação, numa busca desenfreada de ser sempre admirado.

No que diz respeito ao olhar há que se mencionar seu estreito vínculo com a função fálica e com o complexo de Édipo. Bichara (2006) elucida essa questão ao afirmar que o olhar permite a visão da ausência do pênis da mãe, introduzindo o sujeito, propriamente, na sexualidade. É por meio da percepção visual da castração do outro sexo que a relação com a realidade se estabelece. Na castração, olho e o olhar têm função crucial: ela é imaginada como punição, entre outras modalidades, pela própria curiosidade sexual.

Oportuno se faz diferenciar os conceitos de narcisismo primário e secundário para a melhor compreensão do caráter defensivo comum às patologias narcísicas, em particular de alguns distúrbios de distorção da imagem corporal tão frequentes na pós-modernidade. Para tal, tomemos as considerações de Roudinesco (2006) que se refere ao narcisismo primário como um estado primordial, anterior à formação do eu, por isso, auto-erótico. Trata-se do momento no qual a criança toma sua pessoa como objeto exclusivo de amor, portanto sem condições de dirigir-se a objetos externos. Já o narcisismo secundário é um estado de regressão, quando há retorno ao eu da libido retirada dos seus investimentos objetais.

Portanto, conforme nos ensina Araújo (2001), o narcisismo primário refere-se a uma posição viabilizada pelo desejo dos pais. Nela insere-se o eu ideal que se relaciona à perfeição narcísica. Essa herança do desejo parental é constitutiva do sujeito e formadora do eu uma vez que permite a primeira unificação das pulsões sexuais em torno do eu. Nesse período surgem as qualidades, os valores, ou seja, a noção de bom/mau, inteligente/mediocre, valente/covarde, melhor/pior. E quem confere à criança tais atributos é a perspectiva de um Outro, especialmente os pais. Ou seja, através do olhar de terceiros, do Outro, são instauradas

no sujeito características que o definem para os outros e para si mesmo.

Assim, somente após a constituição do eu, da construção de uma imagem de si mesmo, é possível pensar numa relação de escolha objetal. O abalo da imagem narcísica e da ilusão em torno dela criada será ocasionado pelo complexo de Édipo. Diante da frustração de ser excluído do centro das atenções do casal parental, o sujeito terá de buscar novas formas de satisfazer suas necessidades e de lidar com seu desejo. Segundo Freud (1914/1996) com a constituição do eu e a renúncia libidinal ao objeto no Édipo, o id poderá reenviar catexias a esse novo objeto: o eu.

No narcisismo secundário, ao renunciar à perfeição narcísica da infância – representada pelo eu ideal – o sujeito procura recuperá-la sob a forma de um ideal do eu. O que ele projeta diante de si como seu ideal consiste no substituto do narcisismo perdido em época primeva, na qual era o seu próprio ideal.

Atualmente, a compreensão da teoria do narcisismo torna-se essencial não somente para a clínica psicanalítica mas também trata-se de elemento básico para a compreensão da sociedade e da cultura na qual vivemos. Para Leitão (2009) o dispositivo narcísico individual e grupal sob o influxo da cultura imagética se amplia, universalizando-se tanto no âmbito grupal quanto pessoal.

Birman (2005) refere-se à estreita relação entre o indivíduo e a sociedade e, em *Mal-Estar na Atualidade*, aprofunda-se no contraponto entre processos narcísicos e alteritários. O autor afirma que a tensão entre o eu ideal e o ideal do eu funda o sujeito. Menciona ainda que o conflito entre o amor de si e o amor do outro delinea, de maneira estrutural, o horizonte possível de seus movimentos. A condição de se colocar como seu próprio ideal e a de se deixar regular finalmente por ideais que transcendem seus critérios de autocentramento apontam para a oscilação entre dois pólos: o narcísico e o alteritário. Dessa forma, duas situações se configuram:

Pela primeira possibilidade, o outro é sempre encarado como uma ameaça mortal para a existência autocentrada do sujeito, reconhecido como inimigo e um rival, na medida em que balança o sujeito em suas certezas e o faz vacilar face a seu eixo e sistema de referência. Pela segunda possibilidade, o outro é encarado como uma abertura para o possível, pois coloca o sujeito diante de sua diferença radical face a qualquer outro, impondo-lhe assim o reconhecimento da experiência da alteridade e da intersubjetividade. (Birman, 2005, p. 297).

Costa (2005) destaca que a cultura somática, ao esvaziar a moral dos sentimentos em benefício da moral do corpo e das sensações, privilegiou a clareza da vontade e da aparência física, em prejuízo da obscuridade do desejo e da profundidade emocional. Tal postura priva o sujeito de um potente mecanismo estabilizador do sentimento de identidade, qual seja, a capacidade de dissimular a sua intimidade do olhar do outro. O autor prossegue ao afirmar que “a cultura somática fez do corpo o espelho da alma. O corpo se tornou a vitrine compulsória de nossos vícios, virtudes, permanentemente devassada pelo olhar do outro anônimo.” (Costa, 2005 p. 198)

Diante do exposto, o excesso de investimento em si, tanto aponta para uma reação do indivíduo frente à angústia de castração, atuando como mecanismo de defesa contra a falta e a incompletude como também amplia-se e afirma-se enquanto fenômeno de uma sociedade sem limites que desafia o inexorável e que se recusa a admitir a dimensão do inconsciente. Ao negá-lo por meio das ideologias da construção corporal com vistas à obtenção da beleza e juventude eternas, o indivíduo busca o prazer extático que lhe concede a volátil sensação de onipotência porém também lhe subtrai a experiência de investimento libinal no Outro, base para qualquer troca intersubjetiva.

2.2 A primazia do gozo auto-erótico no corpo autoplástico

Vive-se uma época de superficialidade e de predomínio das sensações em detrimento dos sentimentos. Os ocidentais perderam a consciência do próprio corpo. Pelo fato de estar “fora do corpo” os indivíduos procuram se firmar recorrendo a substitutos – satisfações secundárias – como sucesso, fama, carreira profissional, auto-imagem, dinheiro. Tais substitutos não proporcionam uma satisfação completa. Procuram-se subterfúgios para melhorar o corpo e a aparência com maquiagem, roupas bonitas, cirurgia plástica, alimentos naturais, vitaminas, ginástica. (Berman *apud* Lins, 1999, p. 98)

Atualmente há um mercado organizado pela tecnologia das ciências médicas, pela indústria químico-farmacêutica e cosmetológica, imbuído de oferecer aos consumidores uma vasta gama de recursos para esculpir, modelar e transformar a aparência do corpo. Kemp (2005) aponta que a emergência das tecnologias associadas ao corpo humano faz emergir a possibilidade do corpo fabricado. A relação que antes gravitava em torno do binômio homem-natureza deslocou-se para os engenhos passíveis de fabricação, entre eles o corpo-vitrine.

Oportuno se faz categorizar as modificações corporais em dois grupos: as não invasivas, tais como cortar e pintar unhas e cabelos ou quaisquer ações que nosso organismo tenha a capacidade de regenerar e tornar reversível; já as intervenções irreversíveis sobre o corpo ocorrem por meio de cortes, incisões ou manipulações de diferentes tipos. Nessa categoria incluem-se além da cirurgia plástica, as perfurações - *body-piercing* -, as suspensões corporais, escarificações, tatuagens, remoção de costelas, dentes e pele.

Lyra (2002, p. 17-18) aponta em seus estudos, para a banalização que a cultura vem concedendo ao processo de artificialização corporal. A autora defende ser, cada vez mais comum, ver e ouvir as pessoas admitirem que, em algum momento da vida, seus corpos

deixaram de ser o que eram por intervenção da ciência e da tecnologia. As incontáveis cirurgias plásticas, os preenchimentos, as próteses de silicone estão dotando os corpos humanos de um hibridismo sem precedentes na história da civilização.

Dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica¹⁰ revelam que o Brasil é o segundo país onde mais se realiza cirurgias estéticas, atrás apenas dos Estados Unidos. Em matéria veiculada pelo site da entidade, intitulada *Cada vez mais curvilíneas*, afirma-se que em 2009 foram realizadas aproximadamente 2,5 milhões de plásticas, em uma população que beira os 190 milhões. Os dados revelam que:

O corpo é o principal alvo das brasileiras. O país é o número um do ranking mundial de lipoaspiração, com 253 mil intervenções realizadas no ano passado, grande parte delas de quadril e abdômen. O aumento de seios continua em alta seguindo uma tendência iniciada no início dos anos 90: foram 172 mil em 2009. (...) As brasileiras fazem muitas intervenções no rosto também. Segundo a pesquisa parecem preferir as não cirúrgicas. São as campeãs mundiais nas injeções de ácido hialurônico para preenchimento de rugas (mais de 300 mil no ano passado) e no tratamento com laser para fotoenvelhecimento (81 mil). Elas aparecem em segundo lugar na aplicação de botox.

Vale lembrar que a busca pelo corpo ideal por meio da construção do corpo-vitrine não se restringe ao sexo feminino. Dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica – SBCP –, igualmente veiculados no site infracitado, acrescentam que nos últimos cinco anos cresceu

¹⁰ Conforme noticiado em site da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica. Disponível em: http://www2.cirurgioplastica.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=267:cada-vez-mais-curvilineas&catid=42:ultimas-noticias&Itemid=87. Acesso em 02 nov. 2010

de 5% para 30% o número de homens que buscam cirurgias plásticas estéticas¹¹. Outra pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística – IBOPE - aponta que de 650 mil cirurgias feitas em 2009, 119 mil foram feitas em homens. Para o presidente da SBCP, Nelson Guerra, “o mundo competitivo, a mídia impondo padrões e a busca de auto-estima são os principais fatores que fazem homens realizarem cirurgias.”

A partir da análise desses dados, depreende-se que a busca pela perfeição corporal por meio de metas e ideais inalcançáveis de beleza é um fenômeno crescente. Para adequarem-se ao padrão midiático idealizado, os indivíduos não se furtam a qualquer sacrifício, ainda que a empreitada possa custar-lhes a própria vida.

Nesse contexto, oportuno se faz problematizar o papel desempenhado pela medicina e pela cosmetologia enquanto mediadoras do arsenal necessário ao alcance de padrões corporais ideais. Quinet (2003) adverte que a medicina comparece, hoje, como um produto da conjunção da ciência com o discurso capitalista. O autor refere-se à biologização dos ideais estéticos, à hormonização de processos antes naturais como parte de um mercado severamente competitivo. Vejamos o comentário do autor sobre o engajamento da medicina na oferta dos ideais estéticos produzidos pelas empresas do Imaginário:

A medicina cria com sua oferta novas demandas. Elas são feitas para aqueles que pretendem furtar-se ao confronto com a falta reparando alguma falha anatômica de seu corpo. A resposta médica – ao incidir no corpo com implantes, inibidores de apetite, estimuladores da libido, hormônios rejuvenescedores, anabolizantes, recusa o aporte da psicanálise que demonstra que o corpo humano não se desvincula do sujeito do inconsciente. (Quinet, 2003 p. 151).

¹¹ Conforme noticiado em site da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica. Disponível em: http://www2.cirurgioplastica.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=248:busca-por-cirurgias--

O mesmo autor destaca que a medicina desconhece que toda demanda é de complementação de ser do sujeito, que é pura falta-a-ser¹². Dessa forma, em resposta às demandas de beleza e juventude eternas, a medicina cosmetológica induz os indivíduos a acreditarem que tal complementação é possível, o que é uma falácia. Para Quinet (2003) a castração opõe-se ao UM totalizador do imaginário do corpo que a medicina cosmética insiste em colocar em oferta nas prateleiras do mercado do desejo. Aceitar o Nome-do-Pai significa opor um “não” aos imperativos da moda.

A opinião de Mieli (2002, p. 25) vem ao encontro das ideias defendidas por Quinet. A autora enfatiza que o contexto cultural americano enaltece a ideologia da intervenção sobre o real do corpo como forma de resposta a todo gênero de sintomas e mal-estares, por meio seja da farmacologia, seja da cirurgia. Segundo a autora “não é por acaso que um sofrimento que se manifesta pela obsessão da forma recorra com tanta frequência a um corte na carne.”

Assim, na corrida desenfreada que tem por intuito corrigir ou aprimorar a forma física, o sujeito construtor de seu corpo-vitrine ingressa em uma busca interminável por um objetivo que dele sempre se afasta: a exemplo do objeto perdido, o corpo idealizado não é jamais alcançado. A esse respeito, Campbell enfatiza que a estrutura psicológica básica subjacente ao consumo moderno diz respeito ao incitamento e à regulamentação do desejo por meio da fantasia. (Campbell *apud* Edmonds, 2002, p. 217)

Convém refletir sobre o motivo pelo qual os detentores de corpos-vitrine recorrem, de forma compulsiva, à cirurgia estética e ao rol das manipulações corporais, não raro invasivas e irreversíveis, que lhes inscrevem marcas indeléveis, sobretudo na carne. Seriam elas apenas o reflexo de uma violência simbólica intrínseca ao psiquismo de tais sujeitos? Ou um sintoma coletivo produzido por uma sociedade que cria normas e representações de ideais que se

plasticas-cresce-30-nos-ultimos-anos&catid=42:ultimas-noticias&Itemid=87. Acesso em 02 nov. 2010

¹² Conceito lacaniano que se articula ao estado de desamparo do sujeito. A falta-a-ser, originária, é indissociável da relação com a incompletude e com a castração. Para Lacan “O desejo é a metonímia da falta-a-ser. (...) o que o desejo confina, não mais em suas formas desenvolvidas, mascaradas, porém em sua forma pura e simples, é a

refletem em um sistema simbólico, submetido ao imaginário dessa comunidade?

Para Bourdieu (1983), a subjetividade não é sinônimo de individual mas de estruturas interiorizadas, esquemas de percepção, de concepção e de ação, que são comuns a todos os membros do grupo ou da mesma classe. Assim, nossos padrões de gosto são constantemente reelaborados mas nunca aleatoriamente, e sim sobre estruturas anteriormente definidas, valores que recebemos já instituídos.

Sob essa perspectiva, De Lucia (2005, p. 12) aponta para o surgimento de um novo paradigma ao afirmar que os pecados já não são mais interiores, mas exteriores ao corpo. Saíram da cama (culpa pela sexualidade, desejos) e foram para a mesa (exterioridade). Dessa forma, excesso de peso, rugas e flacidez chegam a ser vistos como algo impensável diante de tantos recursos para corrigi-los.

Invadido, modelado, vigiado, modificado por variadas técnicas médicas, compelido a práticas variadas de escultura e de construção corporal (falo das academias e técnicas de fisiculturismo), submetido a dietas e experimentos nutricionais, o corpo do homem pós-moderno é, de acordo com Kemp (2005, p. 43), “igualmente a em qualquer outra cultura, construído *para a e pela* sociedade.”

Em nossa cultura, o desejo de dominar o corpo, de melhorar sua potência, de estender a vida são temas recorrentes. O culto higiênico, dietético e terapêutico com que se rodeia a obsessão pela juventude, elegância, virilidade e feminilidade, indica que o corpo se tornou objeto de salvação e substituiu a alma nesta função moral e ideológica (Baudrillard *apud* Goldenberg & Ramos, 2002, p. 33)

Foucault refere-se a um poder disciplinar que produz corpos dóceis, controlados e regulados em suas atividades em vez de espontaneamente capazes de atuar sob os impulsos do desejo. Segundo o autor, civilização significa disciplina e controle interno. (Foucault *apud*

Giddens, 1992, p. 27)

As idéias de Costa (2005, p. 85) sobre a tirania da corporeidade que regula o homem pós-moderno ratificam o pensamento moderno de Foucault, principalmente, em relação às exigências de ascese pessoal. Na moral das sensações o estado psicológico corrente é o da insatisfação e receio perenes quanto à auto-imagem. Assim, “visando à obtenção do reconhecimento imaginário da moda-espetáculo, o sujeito é levado a negociar o inegociável: a vida ou o gozo; a identidade narcísica ou a homeostase física; o outro ou si mesmo.”

De acordo com os preceitos do ideal de felicidade sensorial que regulam a pós-modernidade, ao qual se refere Costa (2005), o indivíduo é coagido a renovar, incessantemente, o espectro de estimulações sensíveis para sentir que existe aos próprios olhos e ao olhar do outro. No intuito de compensar a pobreza metafórico-metonímica do prazer sensível, ele tenta tornar o corpo cada vez mais vulnerável às excitações desconhecidas. Para o autor:

o eu-sensiente em estado de fratura identitária, não tem como criar o que lhe falta, apenas pode aspirar a que nada lhe falte. Por isso, ao invés de criar o objeto, busca encontrá-lo pronto para ser usado. (...) o objeto ideal é *objeto dócil*, a coisa fácil de ser achada e manipulada. Um desses objetos é o objeto-droga. Outro deles é o *corpo próprio*. Sem poder renunciar à criatividade e à corpolatria narcísica, o eu tenta servir aos dois senhores, usando o próprio corpo como objeto transicional. A tática imaginária é malsucedida pela inadequação do corpo físico àquela função. (Costa, 2005, p. 105-106).

Segundo Costa (2005, p. 77) o corpo físico, em sua dimensão de esquema, volta a ser julgado como causa real da ferida narcísica, mostrando a compulsão de eu para causar o

desejo do outro por si mesmo, mediante a idealização de si. “A imagem narcísica de *sua majestade*, o *bebê* continua hibernando no fundo do eu, mas agora sob a máscara do *adulto protético*.”

Tal fato remete ao fenômeno do auto-erotismo que, segundo Laplanche e Pontalis (2004, p. 47), se refere a um comportamento sexual em que o sujeito obtém a satisfação recorrendo unicamente ao seu próprio corpo, sem objeto exterior. No narcisismo o ego é o objeto da libido narcísica e o auto-erotismo define-se, por oposição, como a fase anárquica, que precede a convergência das pulsões parciais para um objeto comum.

Mezan (2006), afirma que o narcisismo é inerente à vida sexual de todos nós, razão pela qual Freud o incluiu entre os avatares da libido. O amor que temos por nós mesmos é um amor sexual e a prova disso está nos inúmeros fenômenos ligados ao auto-erotismo, que vão da masturbação à ginástica, passando pelos cuidados com o corpo, seu embelezamento e sua valorização.

O auto-erotismo relaciona-se, portanto, a um primeiro esboço do ego, sem referência a um corpo unificado. Esta fragmentação resulta na ausência de objeto total (ego ou pessoa estranha) apesar de não implicar na ausência de um objeto parcial, ainda que fantasístico.

A construção do corpo-vitrine encerra em si um paradoxo, em particular quando se recorre às operações plásticas para *montá-lo*. Conforme descreve Edmonds (2002, p. 238), apesar de os cirurgiões referirem-se à harmonia, “muitas imagens e a própria cirurgia estética em si tendem a fragmentar o corpo, que é compartimentalizado com imagens de seios, nádegas, barrigas, pernas como se fosse uma coleção de partes separadas.”

A lógica da montagem do corpo-vitrine parece refletir a fragmentação psíquica de seus detentores/escultores. A opinião de Roudinesco (2006, p. 55) vem ao encontro dessa afirmação ao defender que “os sujeitos transformam-se em personalidades atomizadas ou dissociadas, em mercadorias, em corpos despedaçados, em suma, em sujeitos captados pela

imagem dupla no espelho, segundo a terminologia lacaniana.”

A título de ilustração, convém citar os casos Juliana Borges e Ângela Bismarck, objeto de estudo em trabalho anterior da orientanda¹³. Ambos reacenderam a polêmica sobre os limites da remodelagem do corpo, tema continuamente debatido sobretudo quando culmina em tragédia, como a que recentemente vitimou Sheyla Almeida¹⁴. Com o objetivo de tentar obter o recorde de tamanho de próteses mamárias, 3,5 litros de silicone conduziram-na à mastectomia, aos 30 anos, em decorrência de complicações advindas do implante.

Juliana Borges, 22 anos, ficou conhecida como a Miss Brasil que, de acordo com a revista *Época* nº 151 09/04/2001, submeteu-se a 19 cirurgias plásticas no intuito de vencer o concurso. No entanto, nem a “lapidação” corporal à qual se submeteu nem o título conquistado foram suficientes para Juliana reconhecer-se bela. A miss parece ter uma imagem distorcida de si ao afirmar que: “sinceramente não me acho uma pessoa bonita. Nunca fui a mais bonita da escola, nunca fui a mais bonita das minhas amigas”. (Disponível em: http://www.terra.com.br/genteshow/index_juliana.html). Acesso em 07 nov. 2010).

Já Ângela Bismarck, veterana dos carnavais, é conhecida como garota propaganda da cirurgia plástica nacional. Foram 42 intervenções ao longo da vida, incluindo uma para puxar os olhos e desfilar como japonesa na escola de samba carioca Porto da Pedra, em 2008. Viúva de um cirurgião plástico que a esculpiu com 13 plásticas, na melhor versão criador e criatura, casou-se com outro cirurgião plástico que deu continuidade às intervenções corporais que fazem de Ângela uma “vitrine ambulante.” (Disponível em <http://www.lastfm.com.br/music/Angela+Bismarcki/+wiki/diff?b=5&a=4>. Acesso em 07 nov 2010).

Ângela parece brincar e desafiar a anatomia em nome da fantasia, não a do carnaval,

¹³ Monografia de Especialização em Teoria Psicanalítica intitulada *Histeria na contemporaneidade: a loucura da estética*. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. UniCeub. (Paranaguá, 2007).

¹⁴ Conforme noticiado no site da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica. Disponível em http://www2.cirurgiaplastica.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=274:brasileira-com-35-

mas a de alguém que utiliza o corpo perfeito, “turbinado”, “sarado”, “malhado” em busca do olhar, da admiração e do desejo do Outro (Ferrari, 2007). O seu gozo perpassa pelo gozo do Outro por meio de múltiplos olhares desejantes que penetram cada milímetro de sua arrojada “arquitetura corporal”. Provavelmente, Ângela não se dá conta de que é prisioneira de uma busca fálica inatingível. Então, enquanto não alcança a perfeição imaginada, goza secundariamente ao ludibriar os outros, por meio da máscara fálica.

Sheyla, Juliana e Ângela são o produto de uma sociedade sem limites que desafia o inexorável e que se recusa a admitir a dimensão do inconsciente negando-o por meio das ideologias da cultura somática e da juventude eterna. Ao elegerem seus corpos como objeto-fetichismo, abolem-se enquanto sujeitos entregando-se a um gozo que extrapola o princípio do prazer e remete à pulsão de morte.

Assim, a imagem propagada pela mídia de beleza e de juventude emergem como ícones da pós-modernidade e incitam os indivíduos à recusa a passagem do tempo em seus corpos e à busca por formas corporais perfeitas e sempre inalcançáveis. Nesse circuito desenfreado de investimento em si, luta-se contra a inexorabilidade do tempo e pouco espaço resta para o estabelecimento de laços intersubjetivos.

O caráter alienante da imagem engana e tenciona tamponar a inexorável falta-a-ser. Porém, ainda assim, conforme dispõe Feuerbach (*apud* Debord, 2006, p. 13) “o nosso tempo prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a aparência ao ser (...) e considera que a ilusão é sagrada e a verdade é profana.”

Passemos a seguir à análise da Perversão e do Fetichismo enquanto características subjacentes à sociedade do espetáculo na qual, segundo Debord (2006), por uma inversão de significantes, a aparência comparece como realidade. Vejamos como se organizam, subjetivamente, os indivíduos inseridos em uma cultura narcísica, cada vez mais, vinculada ao

consumismo midiático na qual a parte tende a tomar o lugar do todo, a forma ultrapassa o conteúdo e a aparência se sobrepõe à essência.

2.3 Perversão e Fetichismo, a recusa da castração e do tempo

De forma geral, a perversão refere-se ao conjunto de comportamento psicosssexual que acompanha atipias na obtenção do prazer sexual. De acordo com Laplanche e Pontalis (2001, p. 341), perversão é “um desvio em relação ao ato sexual normal, definido este como coito que visa à obtenção do orgasmo por penetração genital, com uma pessoa do sexo oposto”.

Existe perversão quando o orgasmo é obtido por meio de outros objetos sexuais (homossexualidade, pedofilia, bestialidade, etc.) ou por outras zonas corporais (coito anal, por exemplo) ou sob outras condições sexuais extrínsecas (fetichismo, travestismo, escopofilia, exibicionismo, sado-masiquismo) que podem proporcionar por si sós o prazer sexual. (idem)

Rudge & Castro (2003) esclarecem que a teoria da perversão, de acordo com a metapsicologia freudiana, apóia-se em dois eixos diferenciados. Concebida, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996) como desvio sexual sob a terminologia de aberração e de inversão sexual teve, inicialmente, sua origem atribuída à fixação infantil em estágio pré-genital de organização libidinal, fato que inviabiliza a organização das pulsões sob o primado genital.

No segundo eixo, a partir das reflexões contidas no texto de Freud (1919/1996) *Uma criança é espancada*, a perversão deixa de ser considerada um ponto de fixação ou de regressão a fases erógenas arcaicas e afirma-se como estrutura psíquica decorrente da resolução do complexo de Édipo. Passa a ser vista como mecanismo de recusa com vistas à saída da trama edípica e contrapõe-se ao recalçamento, que sinaliza para formação da neurose no indivíduo. (idem)

De acordo com Assoun (1994, *apud* Castro & Rudge, 2003), contra a ameaça de castração, o sujeito pode reagir contrafobicamente recusando-a através da instituição do fetiche, símbolo do pênis da mãe. Dessa forma, o menino elimina a diferença sexual e, igualmente, a falta. Além disso, destrói a prova da possibilidade de castração, fato que neutraliza a angústia.

Em fase posterior, Freud (1927/1996) lança luz sobre o fetichismo como paradigma da perversão e enfatiza que a recusa articula-se com a dissociação do ego, fato que justifica a atitude ambígua do indivíduo frente à castração. Alternam-se, no inconsciente, duas representações opostas: a mãe (mulher) tem pênis e a mãe (mulher) não tem pênis. Logo, o fetichista não somente recusa mas também admite a castração.

Segundo Valas (1990, p. 100), a operação de construção do fetiche se funda no deslocamento do interesse pelo pênis para outra parte do corpo. Trata-se de uma formação defensiva inconsciente, solução de compromisso frente à angústia de castração, tendo como função subjetiva preservar a crença no pênis da mãe. Mantendo a mãe fálica, o menino poupa seu próprio pênis, ao mesmo tempo em que se feminiliza, identificando-se com ela.

Na obra de Lacan (1953-1954/1996), as referências a respeito da perversão não estão sistematizadas mas distribuídas em diversos textos, notadamente nos *Escritos* e no Seminário 4, cujo tema é *A relação de objeto*. O autor concebe a perversão enquanto estrutura, a partir da posição que o sujeito assume na trama edípica. Nesse caso, o principal mecanismo utilizado pelo perverso para lidar com a castração é a *Verleugnung* (recusa/denegação).

Lacan (1956-1957/1995) discorre no Seminário 4 sobre a função do véu que vela a falta na relação do sujeito com o Outro. O fetiche é essa projeção sobre o véu de uma imagem fixa do que falta ao Outro, a saber, a falta do falo imaginário na mulher. Na perversão, portanto, trata-se, para o sujeito, de esconder a falta fálica da mãe, embora designe com a ajuda do véu a figura daquilo de que há falta. O véu é a um só tempo o que esconde e o que

designa: encobre a falta e supõe um objeto onde há Nada.

Em relação ao âmbito social, conforme nos esclarece Kogut (2005, p. 48), o perverso não introjeta as restrições éticas e os valores que limitariam a realização de suas vontades. “Por circunstâncias diversas de sua história (em geral uma figura paterna fraca e uma mãe sedutora) ele recusa a percepção das evidências existenciais e sociais que normalmente compelem os neuróticos a se curvarem às normas e reage formulando sua própria Lei.” O perverso não a ignora mas a desafia e a transgride. Reconhece a castração porém não a aceita.

Importante lembrar que, sob a ótica psicanalítica, a perversão é considerada como posição subjetiva e não como aberração sexual. A ampliação desse conceito é mencionada por Laplanche e Pontalis (2001) ao ressaltarem que, diante da pluralidade das pulsões, a perversão pode ter um alcance imenso e multiplicar suas formas em perversões do sentido moral (delinqüência), social (sociopatias) e de nutrição (bulimia, dipsomania). Além disso, existe o termo qualificativo de perversão ou de perversidade para nomear os comportamentos de indivíduos que agem com malignidade ou crueldades singulares.

Note-se que, socialmente, o conceito de perversão refere-se a algo desviante no indivíduo, que o afasta da normalidade. Possui, portanto, um viés pejorativo e preconceituoso e expressa-se em termos de comportamento. Entretanto, há que se mencionar que a noção de perversão relaciona-se a uma norma social vigente e, por isso, influenciada por fatores diversos razão pela qual deve ser contextualizada histórica e culturalmente.

Diante das inúmeras transformações sociais decorrentes não apenas da globalização mas também da revolução sexual, da emancipação feminina, da regulamentação das uniões homoafetivas e de outras formas de união entre gêneros constata-se a emergência de um novo paradigma sobre o qual se alicerça a subjetividade do homem pós-moderno.

Tal questão suscita a necessidade de se reavaliar o conceito de perversão a partir de parâmetros diferenciados e isentos de qualquer juízo de valor. Trata-se, portanto, do reflexo de

uma forma de organização social que dita regras e impõe padrões capazes de influenciar os indivíduos, em sua dimensão subjetiva. Não se pretende, portanto, cotejar valores vislumbrados como ideais pela “sociedade neurótica” vitoriana contrapondo-os àqueles vigentes na “sociedade perversa” da pós-modernidade, guiada pela lógica do espetáculo.

Arendt (1997 *apud* Sequeira, 2009) enfatiza que o sujeito, na atualidade, está *desenraizado*. Ele se crê livre, deve gozar tudo que puder, sendo esse gozo permeado pelo consumismo, fenômeno relacionado ao fim das tradições. Na sociedade tradicional, os costumes e os valores davam respostas ao sujeito e as estruturas simbólicas determinavam seus destinos.

A esse respeito, Costa (2005) defende que os valores, tradicionais ou não, são deste mundo. Oscilamos constantemente entre o melhor e o pior. Nas nossas preocupações, atitudes e sentimentos relacionados ao corpo, ao consumo e à imagem subjazem a pequenez e grandeza do humano. Assim, “refletir sobre a destradicionalização não é dotar o passado da aura que o magnifica, nem reduzir o presente às ruínas do que passou” (Costa, 2005, p. 20). O autor esclarece:

Apesar da inclinação para o descompromisso com obrigações morais, a personalidade somática se deixa adestrar com a mesma docilidade com que o indivíduo sentimental aprendeu a renunciar à sensualidade em proveito das emoções romanticamente sublimadas. Toda norma moral tem um dízimo em gozo. (Costa, 2005, p. 194).

Assim, em relação à pós-modernidade, Sequeira (2009, p. 7) destaca que o desmentido da castração e o imperativo do gozo comparecem nas relações sociais como reflexos do capitalismo. A autora defende que esses dois aspectos são complementares e conduzem a um laço perverso. “A sociedade capitalista coloca a mercadoria como fetiche, que tampona a

falta, leva à ilusão de completude, de satisfação imediata. Essa posição fetichista é uma negação do subordinamento à lei simbólica, o que compromete o pacto social.”

Posição semelhante à de Sequeira é defendida por Kehl (2004, p. 50) ao nos lembrar que nas sociedades capitalistas, “quando não é reduzido a um competidor na massa, o indivíduo é tratado como consumidor. A operação consiste em apelar para a dimensão do desejo e responder a ela com o fetiche de mercadoria¹⁵”. Psicanaliticamente, o fetiche é um objeto imaginário que oculta uma perda e uma falta intoleráveis. Trata-se do objeto mágico de satisfação do desejo pela denegação da perda e da falta, razão pela qual expressa a impossibilidade de lidar com uma ausência e com a alteridade.

Leitão (2009) conjuga o capitalismo cultural no plano coletivo com as organizações narcisistas de personalidade, no plano individual. O autor destaca a articulação do fetichismo objetivado da mercadoria ao fetichismo mental do olhar, e a atribui à incapacidade de ver o Outro, pelo fato de o mundo estar sob o jugo do especular.

Esta parece ser a grande dificuldade do sujeito pós-moderno: ao se apropriar de bens e valores para o usufruto de seu gozo, exclui a possibilidade de constituição de laços intersubjetivos com o Outro bem como elimina qualquer esboço de relação que envolva vínculo de reciprocidade. Nas palavras de Birman (2005, p. 284): “o outro é sempre manipulado como sendo um objeto para as individualidades, reduzindo-se então a um mero fetiche para incrementar seu gozo.”

O sujeito pós-moderno ordena-se psiquicamente, portanto, conforme a lógica perversa e acredita que o mundo lhe deve um gozo infinito e inesgotável, que transcende qualquer princípio de alteridade. Segundo Birman (2005), no perverso prepondera um narcisismo na

¹⁵ Expressão utilizada por Marx para descrever o processo social de inversão da realidade social, isto é, no modo de produção capitalista em vez de as relações sociais serem relações entre sujeitos mediadas pelas coisas elas são relações entre coisas mediadas pelos sujeitos. (Marx *apud* Kehl, 2004, p.10)

escolha do objeto que está seu serviço e a mercê de seu gozo, guardando pouca relação com relações afetivas. Estabelece-se uma relação utilitária em que o Outro existe para o seu deleite.

No cenário moral atual, desejável é o que pode ser consumido como agradável, prazeroso, extático e, indesejável, é o que demanda tempo para se realizar ou o aquilo que não excita ou não traz o gozo sensorial almejado. Conforme observa Bauman (1988 *apud* Costa, 2005, p. 194), “o outro atrai não por ser uma chance para a ação mas por ser uma promessa de sensação”. A esse respeito, Kaufman (1996, p. 356) recorre ao conceito de clivagem entre a função intelectual e a afetiva para explicar o mecanismo típico da perversão no qual a noção de (de)negação, permite uma enunciação de tomada de consciência do recalçamento, sem que o sujeito aceite seu conteúdo.

Assim, uma sociedade que se apóia no imagético e no espe(ta)cular tende a nutrir a ilusão de que a satisfação pode ser obtida com objetos, representados, inclusive, por sujeitos reificados. Tal dinâmica psíquica impacta as relações sociais que deixam de centrar-se nos laços com outros indivíduos e apóiam-se em bens que agregam valores simbólicos, diante da ausência de estruturas sociais simbólicas.

Em relação ao fio condutor da subjetividade na sociedade do espetáculo, norteadas por ideais estetizantes, há que se atentar para o pensamento de Lacan (1953-1954/1996, p. 316) que afirma que “o ideal é servo da sociedade”. Influenciado pelo pensamento de Hegel, o autor retoma o exemplo da relação entre o senhor e o escravo utilizado pelo filósofo para referir-se à luta infundável pelo desejo do reconhecimento do Outro.

Trata-se de uma situação dialética: aquele que reconhece o desejo do Outro é o escravo que recalca o seu próprio desejo, sublimando-o por meio do trabalho. No entanto, ao proporcionar o gozo para o senhor, tornar-se detentor do saber sobre os seus serviços para a

produção de bens, dos quais o senhor depende para obtenção de seu gozo. (Souza, 2003, p. 109)

Oportuna se faz a articulação da dialética hegeliana no sentido da relação senhor/escravo com a luta dos detentores do corpo-vitrine ávidos pelo gozo auto-erótico que, paradoxalmente, não se desvincula do desejo do Outro. Delineiam-se duas abordagens distintas. A primeira trata da posição do sujeito como servo de um outro – o senhor – ao qual se submete em busca de reconhecimento; no entanto, esse Outro-senhor também depende do apelo sujeito-escravo por seu desejo para que possa afirmar o seu domínio, o que de certa forma, também o torna o torna escravo. Assim não pode haver escravo sem senhor e vice-versa. Isto nos remete à circularidade da pulsão proposta por Lacan (1964/1993) no Seminário 11 - e examinada no Capítulo 1 – em que o autor afirma que o sujeito se funda a partir do olhar do Outro.

No tocante ao nosso objeto de estudo, observamos que, não raro, o cuidado de si centrado na forma corporal e no gozo sensorial vem desgastando a importância emocional do Outro. Porém, paradoxalmente, precisamos do reconhecimento desse Outro para nos assegurarmos do valor de nossos ideais de eu. Para Costa (2005, p. 197), “chegamos a um beco sem saída, menosprezamos o outro próximo, em seu papel de avalista do que somos” porém, precisamos dele para que possamos nos constituir enquanto sujeito do desejo.

Na segunda abordagem, o corpo comparece tanto na posição de escravo, diante da rígida disciplina e ascese que lhe são impostas em busca da perfeição, como também a de um senhor por quem se sacrifica não apenas o tempo e os prazeres mas também no qual se investe libidinal e financeiramente.

Dessa forma, constata-se que a vertiginosa valorização da imagem e do espelho na pós-modernidade aponta para o crescente empobrecimento da imaginação. O objeto de nosso estudo, o corpo-vitrine, fetichizado, insere-se no rol de objetos de consumo. Ao colocar-se no

lugar de objeto desejado, o detentor do corpo-vitrine busca o aplauso, a reverência, e submete-se ao gozo do Outro. Conforme esclarece Melman (1992), trata-se de um gozo não-fálico, um gozo suplementar, um gozo sem borda, sem o limite proporcionado pelo falo, pela palavra.

Nesse contexto convém refletir sobre a influência dos valores sócio-culturais na constituição psíquica do sujeito pós-moderno. Há que se indagar: que tipo de espelhamento e de ideal de eu o grande Outro social tem demandado de seus integrantes?

Há que se atentar para o componente perverso que subjaz ao processo que falseia a relação objetividade-subjetividade e paralisa o pensamento. Sob essa perspectiva, a conexão entre olhar, imagem e fetiche reflete a dificuldade simbolizadora do indivíduo narcisista que revela a subjetivação do vazio através da busca incessante de fetiches encobridores de uma falta lacunar, porém originária.

Kehl (2004, p. 52) faz menção ao desamparo decorrente do aperfeiçoamento da alienação: “os sujeitos já não se apóiam sobre suas faculdades de julgamento (pensamento), resolução (agir conforme o desejo) e senso moral: (superar a castração). Além disso, não se sustentam sobre os laços que os ligam.” Alerta, ainda, para a ocorrência de uma confusão entre objetos de consumo e objetos de desejo que desarticula a relação dos sujeitos com a dimensão simbólica do desejo e lança a todos no registro da satisfação de necessidades, que é real. O que se perde é a singularidade das produções subjetivas, como tentativas de simbolização. O desejo é reificado e o sujeito se vê perdido diante de uma demanda que não poderá ser atendida.

Leitão (2009, p. 42-43) ressalta que a modificação no dinamismo psico-afetivo inconsciente sinaliza para uma regressão que substitui individuação e maturação por um individualismo e um imediatismo pulsional, que acredita ser o “núcleo motor da amplificação do fetichismo na sociedade consumológica atual”. Para o autor:

O processo fetichizante se dá na passagem entre a dualidade narcísica e a triangularidade edipiana. Enquanto as relações narcisistas são do tipo especular, em que o self grandioso procura confirmação e domínio, as relações edipianas são de um intercâmbio afetivo no grupo familiar e social. É essa a base imaginária na qual repousa a recusa da castração fálica que dá acesso à ordem simbólica baseada na renúncia ao princípio do prazer. (Leitão, 2009, p. 42-43).

Vimos que a falsificação intrínseca à produção imagética de mercadorias e de seres humanos coisificados remete à ilusão mágica do fetiche. A sedução por ele oferecida possibilita a naturalização de uma relação social que se traduz pelo apagamento da história do indivíduo. A esse respeito convém refletir sobre a negação, na pós-modernidade, das diferenças de sexo, de geração, de capacidades, de limites de realidade e, em particular, da finitude e da incompletude do sujeito.

A recusa da castração é, segundo Laplanche e Pontalis (2001, p. 437), “o protótipo e origem de outras recusas da realidade”, entre elas a recusa à passagem do tempo enquanto recusa do envelhecimento tão em voga na pós-modernidade.

Freud (1915b/1996), em trabalho intitulado *Sobre a Transitoriedade*, discorre sobre a perenidade da vida ao afirmar que no curso de nossa existência vemos esgotar-se para sempre a beleza humana do rosto e do corpo. Porém esta fugacidade agrega uma novidade a seus encantos. O autor não acredita que tal transitoriedade seja impeditiva para que se possa gozar e desfrutar da vida em todas as suas manifestações, inclusive as intelectuais e as artísticas.

As idéias freudianas sobre a limitação do tempo parecem ir de encontro ao *zeitgeist* pós-moderno que apregoa a imagem da beleza e da juventude eternas e cria nos indivíduos a demanda de consumirem todos os produtos e práticas que prometam reverter, desconstruir,

enfim, apagar traços que refletem a história de cada um.

A construção do corpo-vitrine é um dos aspectos que corrobora com a negação da falibilidade corporal em termos de perda de vigor sexual, de força, de beleza em prol de símbolos fálicos fetichizados pela perversa sociedade narcísica. Conforme descreve Birman:

Nesta cultura não há mais lugar para coisas básicas da existência, como o amor, a amizade, o afeto gratuito e até mesmo o desejo. A única coisa que interessa às individualidades é circunscrever rigidamente o território medíocre de sua existência à custa do gozo predatório do corpo do outro, a quem tratam como anônimos e sem rosto. (Birman, 2005, p. 284)

Nas palavras de Mucida (2004, p. 68) “os desgastes decorrentes da passagem do tempo atuam no corpo e a velhice simboliza a castração, a imposição de uma Lei que aponta para a transitoriedade das pessoas, dos objetos e dos acontecimentos.”

Ao recusar a irreversível passagem do tempo, inexorável, em claro mecanismo defensivo de clivagem do eu, o sujeito pós-moderno não se dá conta que ao desafiar limites impostos pela natureza torna-se um mero títere à mercê de uma sociedade detentora de características perversas. Ao criar uma dimensão imaginária falaciosa de reversibilidade dos efeitos do tempo sobre o sujeito, tenta iludi-los no intuito de camuflar a falta-a-ser, fato que os transforma em sujeitos sem história, sem passado, sem Lei.

CONCLUSÃO

Esta monografia objetivou pesquisar novas formas de constituição da subjetividade na pós-modernidade, em particular em relação à construção do corpo- vitrine, fenômeno/sintoma associado ao sofrimento psíquico e inserido no rol de uma vasta gama de distúrbios de imagem, cada vez mais freqüentes na atualidade.

A relação entre o corpo somático e o psiquismo foi abordada, sob a ótica psicanalítica, em articulação com ideias defendidas por filósofos e sociólogos da pós-modernidade. O referencial teórico adotado baseou-se em Freud e em Lacan, acrescido da contribuição de autores pós-freudianos, em conjunção com os trabalhos de estudiosos de nossos tempos tais como Bauman, Giddens e, principalmente, Debord que nos traz o conceito de Sociedade do Espetáculo.

Evocou-se a hipótese de o processo de modelagem estética, que tem como produto final o corpo-vitrine, ser imposto por forças extrínsecas ao sujeito, demandadas pelo Outro, aqui representado por modelos midiáticos de ideais socialmente legitimados, no âmbito de uma cultura narcísica. A sociedade de consumo, através dos meios de comunicação de massa, estabelece padrões imaginários de identificação e de conduta, difunde ideais de beleza e dita regras que passam a regular tendências e modismos.

Verificamos que tal prática impacta profundamente a subjetividade individual e culmina com a objetificação e anulação do sujeito com repercussões no estabelecimento de laços sociais empobrecidos, nos quais praticamente inexiste abertura para a alteridade. A exacerbação de si e a desvalorização do Outro retratam a liquidez e a superficialidade que regem nossos tempos e deixam marcas indeléveis no psiquismo do sujeito e nas relações com o mundo que o cerca.

Vimos, inicialmente, que a concepção revolucionária inaugurada por Freud

oportunizou um debate que vigora até nossos dias pois, ao deslocar o aspecto sexual da Biologia e inscrevê-lo no inconsciente, o autor abriu amplo campo de investigações, possibilitando, sobretudo melhor compreender a sexualidade humana em sua multiplicidade de formas e manifestações.

Convém ressaltar que as idéias de Freud (1856-1939) ajudaram a humanizar, sem normatizar, práticas sexuais passíveis de condenação moral e social em seu tempo. Ao reconhecê-las e legitimá-las como especificidades individuais ou como preliminares da vida sexual, o autor ressaltava que a sexualidade humana não era mera expressão biológica mas também atividade erótica e convertia-se em busca psicológica, desvinculada de fins reprodutivos admitindo, portanto, uma pluralidade de formas.

A noção do conceito de aparelho psíquico permitiu o estabelecimento de uma perspectiva inédita do ser humano, levando em consideração uma dinâmica, uma economia e uma tópica que objetivavam dar destinos a fluxos de excitação mobilizando não apenas a dimensão fisiológica mas, sobretudo, a organização erógena e subjetiva do indivíduo.

Nesse trabalho procedeu-se, a princípio, à diferenciação entre os conceitos de corpo e de organismo destacando-se que, em nosso objeto de estudo, o corpo foi considerado enquanto receptáculo de representações psíquicas, a partir de uma geografia erógena que transcende as necessidades físicas e manifesta-se sob o aspecto pulsional. Uma vez que a percepção do corpo ocorre por meio de filtros simbólicos ditados pela cultura, objetivou-se refletir sobre as relações contextuais estabelecidas entre os aspectos corporal, cultural e visual.

Partindo-se da idéia de uma sociedade escópica, demonstrou-se, com base nos estudos freudianos e lacanianos, a distinção existente entre a visão e o olhar. A primeira, enquanto função do aparelho ocular, é objeto de estudo da Biologia ao passo que a última vincula-se ao corpo pulsional, erógeno. Freud (1915a/1996) introduz o conceito de *Schaubst* ao afirmar

que o olho (órgão fisiológico) que vê, também tem o prazer de ver. Freud (1915^a/1996) vai tratar da pulsão escópica, inclusive de sua reversibilidade expressa em três tempos: olhar/ser olhado/fazer-se olhado, sem contudo nomeá-la.

Lacan (1964/1993) foi o responsável por apontar a estreita ligação da pulsão escópica com a sexualidade, a partir de sua vinculação ao desejo. Ao discorrer sobre a acepção de olhar como gozo-objeto, introduz a noção de objeto *a*, conceito que melhor descreve o caráter agalmático do objeto causa do desejo. A ele coube repensar alguns conceitos freudianos e introduzir sua concepção sobre a dialética do desejo. Lacan considera o Outro como o fundamento da constituição subjetiva e acredita que é por meio da experiência da linguagem que se funda a apreensão desse Outro.

O sentimento de incompletude foi por Lacan (1956-1957/1995) resgatado da obra freudiana ao afirmar que o âmago da sexualidade humana alicerça-se na falta de objeto, razão pela qual só se pode desejar algo que falta se, em algum momento, esse algo já esteve presente. A elaboração do vazio só ocorre a partir da vivência da falta que nos remete à dimensão ilusória da completude. Além da falta do objeto, Lacan traz a questão da identificação do sujeito com a falta, a partir da qual se constitui.

Assim, o aspecto identificatório do sujeito com a falta parece ser negado na sociedade pós-moderna. Essa é a ilusão que incita o sujeito ao consumo imediato do objeto fugaz. Sob essa perspectiva, a própria subjetividade torna-se uma mercadoria a exemplo de um item da lista de objetos a serem consumidos por indivíduos ansiosos em escamotear a falta-a-ser. Tal postura nos conduz a pensar que o modo de organização social na pós-modernidade encontra-se impregnado de características de uma dinâmica psíquica perversa que desconsidera o Outro, mero instrumento de um gozo predatório.

Neste estudo, a perversão transcende o comportamento sexual e amplia-se enquanto sintoma coletivo de uma sociedade que hipervaloriza a ascese narcísica e hedonista do sujeito

em prol do culto ao próprio corpo e subestima a possibilidade de trocas intersubjetivas. Sob esse escopo, tendo em vista a escassa sensibilidade e o sentimento de indiferença aos Outros, delineiam-se as noções de efemeridade e de imperativo do gozo que regem as relações do sujeito na pós-modernidade. Suscitou-se a hipótese de que tal sintoma social possa consistir na volátil tentativa de preencher um vazio psíquico e de camuflar o desamparo originário do sujeito.

Constatamos que o desamparo do sujeito, matéria prima da psicanálise, resulta da percepção subjetiva de que o mundo não se funda sobre ideais totalizantes. O supereu, personificado pela sociedade, estabelece ideais do eu a fim de que o sujeito possa sentir-se amado pelo Outro, na vã tentativa de resgatar a sensação de onipotência característica do narcisismo primário.

No decorrer deste estudo, percebemos que a cultura das aparências, da imagem e da visibilidade parece afetar os indivíduos, de forma coletiva, e produzir distúrbios de diversas ordens, sobretudo de imagem. A compulsão por cirurgias estéticas bem como o excesso de intervenções corporais culminam na construção de um corpo-vitrine ávido por ser admirado, desejado e invejado. Assim, a noção de “corpo em obras” nos sugere um componente de onipotência narcísica, entretanto nele sempre estarão presentes traços do Outro e de seu desejo.

As intervenções corporais merecem ser analisadas do ponto de vista subjetivo, levando-se em conta a particularidade e a unicidade da história subjetiva porém sem deixar de se considerar a forma como se desenvolve dentro de um universo simbólico específico, em determinada sociedade e cultura. A banalização das intervenções invasivas e irreversíveis nos corpos parece comparecer como uma busca fálica de completude, inatingível, incitada por uma sociedade que não investe em valores que possam estimular a valorização da subjetividade.

Verificamos que, se por um lado, o sujeito se crê onipotente ao acreditar que, a partir de uma experiência sensual do corpo pode comandar seu psiquismo, por outro sente-se impotente ao constatar a impossibilidade de fazê-lo, fato que o leva a circunscrever o sofrimento humano tão-somente à fisiologia corporal.

Tal postura sugere desconhecimento, pelo sujeito pós-moderno, sobre os lugares ocupados pelo afeto e pelo corpo nas representações psíquicas. Sinaliza, ainda, para uma violência simbólica intrínseca às intervenções corporais que se manifesta, diante da impossibilidade da fala do sujeito, pela sua exclusão da dimensão lingüística e o reduz à condição de objeto. As manipulações estéticas que têm como objetivo executar a modelagem imagética corporal culminam na aniquilação do sujeito e produzem sua reificação.

Tendo em vista a ausência da narrativa advinda da experiência compartilhada de troca, o corpo atua e torna-se o lócus privilegiado dos excessos, das compulsões ou ainda o contrário, quando reflete a angústia e a ausência de ação presentes em quadros fóbicos que paralisam ou quando encarna a apatia e anedonia frequentes em transtornos de humor como a depressão.

Diante da dificuldade de efetivo ingresso do sujeito no mundo da cultura e da linguagem bem como de sua incompetência para afirmar-se como sujeito do fala-ser (*parlêtre*), o corpo comparece. Percebe-se que, ao negar sua dimensão inconsciente, o indivíduo recusa-se a admitir que o sofrimento psíquico possa ancorar-se no corpo por meio de sintomas diferenciados.

A recusa à transitoriedade da beleza e à passagem do tempo sugerem um gozo sem borda, desmedido, que busca transgredir a Lei, ultrapassar limites, desafiar a própria existência. Tal postura remete ao mecanismo defensivo de clivagem do eu presente no fetichismo, onde o sujeito possui uma atitude dividida quanto à castração: ao mesmo tempo em que a reconhece a renega. Como solução de compromisso, que é o que caracteriza o

sintoma, na tentativa de obtenção de prazer mas também de preservação do recalque, o indivíduo aprisiona-se ao caráter falacioso e alienante da imagem, classicamente associada à fonte de ilusão e de erro.

A esse respeito, enfatizamos que o eu é, inicialmente, formado por um conjunto de imagens, razão pela qual atribui-se grande relevância ao olhar do Outro, em particular o da mãe, na construção da imagem de si. A ela cabe investir libidinalmente no bebê de forma a circunscrevê-lo no âmbito de seu desejo. As primeiras impressões somato-psíquicas deixam marcas indeléveis no futuro adulto e serão responsáveis pela sua imagem inconsciente do corpo ao longo da vida, influenciando escolhas e atitudes.

Observamos, então, que o olhar não é um atributo do sujeito mas o efeito da intervenção do desejo do primeiro representante do Outro, a mãe. A teoria lacaniana sobre o Estádio do Espelho é decisiva para a compreensão da constituição da subjetividade humana a partir do espelhamento materno. É no olhar do Outro que o indivíduo procura seu próprio olhar, transmutado sob a forma de objeto para sempre perdido.

Constatamos que a ânsia por visibilidade é uma das características da sociedade espe(ta)cular na qual o sujeito busca incessantemente ser reconhecido e confirmado. Ocorre que as modificações corporais descritas neste estudo, que culminam na produção do corpo-vitrine, extrapolam a experiência subjetiva e contemplam também uma dimensão social. A primeira se dá em nível particular, íntimo e refere-se ao desejo de reconhecimento pelo Outro, uma súplica pelo olhar daquele que irá conferir ao sujeito visibilidade para que possa constituir-se psiquicamente. A última refere-se à busca do indivíduo pela sensação de pertencimento e relaciona-se à identidade cultural.

Tal fenômeno abriu campo reflexivo sobre os excessivos cuidados corporais adotados por um número crescente de adeptos da uma cultura somática, narcísica por excelência. Ao empreenderem tamanha carga libidinal sobre seus corpos, amando a si mesmos de forma

avassaladora, tais sujeitos retratam um sintoma coletivo de uma sociedade hedonista que privilegia as sensações em detrimento dos sentimentos.

Vivemos em uma sociedade analgésica que não atribui qualquer sentido à dor e ao sofrimento além de envidar todos os esforços científicos no sentido de eliminá-los. Porém, contraditoriamente, quanto mais se tenta aniquilar o sofrimento e otimizar o prazer, mais se frustra diante de sofrimentos existenciais inevitáveis. Nesse contexto, há que se repensar o papel da medicina, sobretudo a cosmética, enquanto propagadora de ideais inalcançáveis de completude. Tal postura repercute diretamente na produção de indivíduos fragmentados e alienados de si.

Estas práticas consistem na espinha dorsal de uma ideologia que incentiva a corpolatria que, imantada pelo brilho da *schaulust*, desestimula o investimento no Outro em detrimento de si bem como corrobora com o esvaziamento decorrente do desinvestimento em objetos externos. O sujeito pós-moderno parece atrelar sua subjetividade ao registro imaginário, que o ilude sob a promessa de um gozo sem dívidas e sem limites.

Vale lembrar que este estudo não objetivou proceder à comparação ou julgamento de valores adotados pela moderna “sociedade neurótica”, que primava pelo recalque de desejos, em contraposição à “sociedade perversa” que promove a liberdade e o “mais gozar”. Tencionou-se lançar luz sobre novas formas de subjetivação na pós-modernidade a partir da análise de influências recebidas de uma sociedade que se estrutura em torno de valores específicos tais como o individualismo, o consumismo e que enaltece a cultura somática. Sob esta ótica, a perversão ultrapassa a dimensão psicopatológica de sintoma, de comportamento, e configura-se como modo de organização subjetiva do sujeito e de sua relação com o Outro social.

A constituição da subjetividade na sociedade do espetáculo insere-se em um circuito frenético no qual o sujeito busca, de forma intermitente, tamponar a falta, gozar pelo ato,

ainda que para tal tenha que expulsar o afeto das relações, negar a Lei, desconsiderar o Outro e, paradoxalmente, abolir-se enquanto sujeito do inconsciente. Guiado pela lógica da satisfação instantânea de um sistema que prega a completude, o indivíduo adota a moral da visibilidade segundo a qual se ninguém vê alguma coisa talvez ela inexista. As tendências exibicionistas e performáticas apelam para o reconhecimento nos olhos alheios.

Tal quadro ilustra o desamparo do sujeito pós-moderno que, capturado pela teia do imaginário, submete e sacrifica seu corpo na vã tentativa de apreensão do real sem contudo viabilizar seu ingresso no registro simbólico. Ao contrário, tragado pela beleza e pela exterioridade de um mundo eminentemente imagético não se dá conta que se por um lado o brilho da *schaulust* o seduz, por outro também o aprisiona.

Este é o retrato do século XXI, momento histórico no qual se constata uma subversão de valores: a verdade delinea-se como um momento do que é falso, o parecer se sobrepõe ao ser e a falácia da imagem nos engana e nos ilude com o objetivo de mascarar a falta original. A separação, abissal, entre mente e corpo incentiva a adoção de mecanismos defensivos perversos que objetivam camuflá-la.

No entanto, a incansável busca pela reprodução da experiência de satisfação e de prazer proporcionados pelo objeto perdido será sempre renovada, ainda que por meio de um gozo que possa vincular-se à pulsão de morte. Causa de desejo de retorno ao paraíso perdido, que remete ao regresso a um estado anterior, a vã tentativa de resgate da plenitude proporcionada pela fusão simbiótica com a mãe será o protótipo de sensação eternamente buscada por todos que anseiam reviver o prazer e a ilusão da completude. Para tal, faz-se necessário que esse grande Outro, esteja disponível para olhar. Afinal, o olhar coloca em presença o desejo esperado do Outro e acima de tudo constitui-se em uma demanda por reconhecimento e amor a fim de tamponar uma antiga lacuna, originária, de origem narcísica.

Por fim, encerraremos nosso estudo com a reflexão de Manoel de Barros (2010), em

poema intitulado *Biografia do Carvalho*, sobre a temática da visibilidade. Nele constatamos a necessidade humana de reconhecimento pelo grande Outro, elemento essencial para que o sujeito possa fundar-se e para que tenha assegurado o seu direito de vir-a-ser.

Quando o mundo abandonar o meu olho

Quando o meu olho furado de beleza

for esquecido pelo mundo

Que hei de fazer? (Barros, 2010, p. 373)

REFERÊNCIAS

Aranha, Maria Lúcia e Martins, Maria Helena. (1997) *Filosofando: Introdução à Filosofia*. São Paulo: Ed. Moderna.

Araújo, João Carlos. *Narcisismo e a relação narcísica de objeto*. (2002) Disponível em <<http://drashirleydecampos.com.br/noticias/17743>>. Acesso em 10 out. 2010.

Assoun, Paul-Laurent. (1999). *O olhar e a voz: lições psicanalíticas sobre o olhar e a voz*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Aulagnier, Piera. (1991) Observações sobre a estrutura psicótica. In: KATZ, C (org.). *Psicose, uma leitura psicanalítica*. São Paulo: Escuta.

_____ (2002) Nascimento de um Corpo, origem de uma História.. In: McDougall, J. (et al). *Corpo e História: IV Encontro Psicanalítico D'Aix-En-Provence*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Barros, Manoel de. (2010) *Poesias Completas*. São Paulo: Texto Editores Ltda.

Bauman, Zygmunt. (2004) *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Bichara, Maria Auxiliadora Cordaro. (2006) *O olho e o conto: as pulsões fazendo histórias - In O Mental Vol. 4 7º Barbacena*. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-44272006000200006&script=sci_arttext> Acesso em 07 nov 2010.

Biografia Ângela Bismarck (2008) Disponível em: <<http://www.lastfm.com.br/music/Angela+Bismarchi/+wiki/diff?b=5&a=4>> Acesso em 01 dez 2010.

Birman, Joel. (2005) *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Bourdieu, Pierre. (1983) Gostos de classe e estilos de vida. In: Ortiz, Renato (org) *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática.

Castro, Sílvia Lira Staccioli & Rudege. (2003) Ana Maria. Perversão e ética na clínica psicanalítica. In: *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, Fortaleza, V. III, nº 1, pp. 78-95. Disponível em <<http://www.unifor.br/notitia/file/143.pdf>>. Acesso em 09 nov de 2010.

Costa, Jurandir Freire. (2005) *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond.

Debord, Guy. (2006) *A sociedade do Espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.

Dejours, Christophe. (1997) *Repressão e subversão em psicossomática: pesquisas psicanalíticas sobre o corpo*. Coleção transmissão da psicanálise nº 22 Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

De Lucia, Maria Cristina. (2005) *A Ditadura do Corpo*. *Isto É*. São Paulo, p.11-13, julho.

Dolto, Françoise. (2004) *A imagem inconsciente do corpo*. São Paulo: Perspectiva.

Domingues, Elzilaine Mendes e Próchno, Caio César. (2004) *Corpo e novas formas de subjetividade*. *Psyché Revista de Psicanálise*, São Paulo, vol. VIII, nº 14, pp. 147-156.

Edmonds, Alexander. (2002) *No universo da beleza: notas de campo sobre cirurgia plástica no Rio de Janeiro*. In: GOLDENBERG Miriam (org). *Nu & Vestido*. Rio de Janeiro: Record.

Ferrari, Leonardo.(2006) *Mulher cirurgia plástica desfilará vestida pela primeira vez*. Disponível em <http://leobelferrari.blog.uol.com.br/arch2006-02012_2006-02-18.html> Acesso em: 10 abr. 2007.

Foucault, Michel. (2005) *Microfísica do Poder*. São Paulo: Ed. Graal.

Freud, Sigmund. (1996) *Projeto para uma psicologia científica*. Em Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Volume I. Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1895).

_____ (1996) *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Em Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Volume VII. Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1905).

_____ (1996) *Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses*. In Em Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Volume VII. Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1906).

_____ (1996) *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão*. In Em Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Volume XI. Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1910).

_____ (1996) *Sobre o Narcisismo, uma introdução*. Em Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Volume XIV. Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1914)

_____ (1996) *As pulsões e suas vicissitudes*. Em Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Volume XIV. Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1915a)

_____ (1996) *Sobre a transitoriedade*. Em: Edição Standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1915b)

_____ (1996) *Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais*. Em Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund

Freud . Volume XVII. Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1919)

_____ (1996) *Além do Princípio do Prazer*. Em Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Volume XVIII. Rio de Janeiro: Imago. Texto original publicado em 1920).

_____ (1996) *O Ego e o Id*. Em Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Volume XIX. Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1923).

_____ (1996) *Inibição, Sintoma e Angústia*. Em Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Volume XX. Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1926).

_____ (1996) *Fetichismo*. Em Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud . Volume XXI. Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1927)

Garcia-Roza, Luiz Alfredo. *Freud e o Inconsciente* (2005) Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Giddens, Anthony. (1991) *As Consequências da Modernidade*. São Paulo, Unesp.

_____ (1992) *A Transformação da Intimidade: Sexualidade, amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. São Paulo: Unesp.

Goldenberg, Miriam & Ramos, Marcelo Silva. (2002) *Civilização das formas, o corpo como valor*. In: Goldenberg, Miriam (org). *Nu & Vestido*. Rio de Janeiro: Record.

Goldfarb, Delia Catullo. (1998) *Corpo, tempo e envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Kaufmann, Pierre. (1996) *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Kehl, Maria Rita. (2004) *Visibilidade e Espetáculo*. Bucci, E. & Kehl, M. R. (org) *Videologias: ensaios sobre televisão*. São Paulo: Ed. Boitempo.

Kemp, Kênia. (2005) *Corpo modificado, corpo livre?* São Paulo: Ed. Paulus.

Kogut , Eliane. (2004) *Perversão em Cena*. São Paulo. Ed. Escuta.

Lacan, Jacques. (1993) *O Seminário*. Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Texto original publicado em 1964)

_____ (1995) *O Seminário*. Livro 4: A Relação de Objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Texto original publicado em 1956-1957).

_____ (1996) *Escritos*. São Paulo: Perspectiva. (Texto original publicado em 1953-1954).

_____ (1999) *O Seminário*. Livro 5: As formações do Inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Texto original publicado em 1957-1958)

_____ (2005) *O Seminário*. Livro 10: A Angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Texto original publicado em 1962-1963).

Laplanche, Jean e Pontalis, Jean Bertrand. (2001) *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

Lasch, Christopher. (1979). *The culture of Narcisism*. New York. Warner Books Edition.

Lazzarini, Eliana e Viana, Terezinha. (2010) *Ressonâncias do narcisismo na clínica psicanalítica contemporânea*. *Análise Psicológica*, 2 (XXVIII): 269-280.

Leitão, Valton Miranda. (2009) *A Aura enfeitada: o fetiche como espetáculo*. São Paulo: Ed. Annablume.

Lins, Regina Navarro. (1999) *Conversas na varanda: um debate leve e provocante sobre a sexualidade brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco.

Lyra, Bernadette. (2002) A dama de vermelho. In: Lyra Bernadette; Garcia Wilton (orgs). *Corpo & Imagem*. São Paulo: Arte e Ciência.

McDougall, Joyce. Um corpo para dois. In: McDougall, J. (et al.). *Corpo e História: IV Encontro Psicanalítico D'Aix-Em-Provence*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Melman, Charles. (1992) *Alcoolismo, delinquência, toxicomania: uma outra forma de gozar*. Rio de Janeiro: Ed. Escuta.

_____ (2008) *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Rio de Janeiro: Ed. Companhia de Freud.

Mezan, Renato. (2003) *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva.

_____ (2006) A Inveja. In: Novaes (org.) *Os Sentidos da Paixão*. São Paulo: Schwartz.

Mieli, Paola. (2002) *Sobre as manipulações irreversíveis do corpo e outros textos psicanalíticos*. Rio de Janeiro: Corpo Freudiano do Rio de Janeiro.

Mucida, Ângela. (2004) *O sujeito não envelhece: Psicanálise e velhice*. Belo Horizonte. Autêntica.

Nasio, Juan David. (1993) *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ (1995a) *Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar.

_____ (1995b) *O olhar em psicanálise* Rio de Janeiro: Jorge Zahar

_____ (2009) *Meu corpo e suas imagens*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Outeiral, José. (2001) *O olhar e o espelho*. Outeiral, J. & Hisada, S. & Gabriades, R. (org) Winnicott. Seminários paulistas. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Paranaguá, Adriana Henning. (2007) *Histeria na contemporaneidade: a loucura da estética*. Monografia de Especialização em Teoria Psicanalítica. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. UniCeub.

Pollo, Vera. (2004) Exílio e retorno do corpo: Descartes e a psicanálise. In: *Retorno do exílio: o corpo entre a psicanálise e a ciência*. Rio de Janeiro: Contracapa.

Porge, Erik.(2006) *Jacques Lacan, um psicanalista: Percurso de um ensino*. Brasília: Universidade de Brasília.

Quinet, Antonio. (2002) *Um olhar a mais. Ver e ser visto na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ (2003) *A Descoberta do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Revista *Época* Edição nº 151. *Aperfeiçoamento do belo*. 09 de abril de 2001. Disponível em <http://epoca.globo.com/edic/20010409/soci5a.htm> Acesso em: 07 nov. 2010.

Roudinesco, Elisabeth. (2006) *A Análise e o Arquivo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Safouan, Moustafa. (2006) *Lacanianos I: Os seminários de Jacques Lacan (1953-1963)*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Safra, Gilberto. (2005) *A face estética do self: teoria e clínica*. São Paulo. Unimarco Editora.

Scheinkman, Daniela. (1995) *Da pulsão escópica ao olhar: um percurso, uma esquizo*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.

Sennet, Richard. (2003) *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Editora Record.

Sequeira, Vânia. (2009) *Pedro e o Lobo: o criminoso perverso e a perversão social*. In Psic. Teor. E Pesq. Vol 25 Brasília. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722009000200010&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em 10 nov 2010.

Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica. *Cada vez mais curvilíneas*. Disponível em <http://www2.cirurgiaplastica.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=267:cada-vez-mais-curvilineas&catid=42:ultimas-noticias&Itemid=87> Acesso em 02 nov. 2010.

_____ *Busca por Cirurgias Plásticas cresce 30% nos últimos anos*. Disponível em: <http://www2.cirurgiaplastica.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=248:busca-por-cirurgias--plasticas-cresce-30-nos-ultimos-anos&catid=42:ultimas-noticias&Itemid=87> Acesso em 02 nov. 2010

_____ *Brasileira com 3,5 l de silicone faz cirurgia e tira os dois seios*. Disponível em http://www2.cirurgiaplastica.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=274:brasileira-com-35-litros-de-silicone-faz-cirurgia-e-tira-os-dois-seios&catid=42:ultimas-noticias&Itemid=87> Acesso em 07 de Nov. 2010.

Soler, Colette. (1989) *O corpo no ensinamento de J. Lacan*. Belo Horizonte: Campo Freudiano.

_____ (2005) *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Terra Show. *Ensaio Juliana Borges*. Disponível em http://www.terra.com.br/genteshow/index_juliana Acesso em 07 nov. 2010.

Valas, Patrick. (1990) *Freud e a perversão*. Rio de Janeiro: Zahar.

Zimmerman, David. (1999) *Fundamentos Psicanalíticos: Teoria, Técnica e Clínica*. Porto Alegre: Ed. Artmed.